

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

LARISSA VINHAS TIMÓTEO

**O AUTOCUIDADO, CUIDADO DE SI E DO OUTRO NA EDUCAÇÃO
EM ENFERMAGEM: UM ENFOQUE NOS DOCENTES**

ITATIBA

2018

LARISSA VINHAS TIMÓTEO – RA 002201701055

**O AUTOCUIDADO, CUIDADO DE SI E DO OUTRO NA EDUCAÇÃO
EM ENFERMAGEM: UM ENFOQUE NOS DOCENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Área de Concentração: Educação, Linguagens e Processos Interativos.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto da Silveira

**ITATIBA
2018**

WY 18 Timóteo, Larissa Vinhas

T482a Autocuidado, cuidado de si e do outro na educação em
enfermagem: um enfoque nos docentes / Larissa Vinhas
Timóteo. - Itatiba, 2018.

94 p.

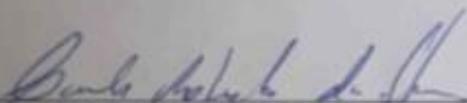
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco.

Sistema de Bibliotecas da Universidade São Francisco - USF

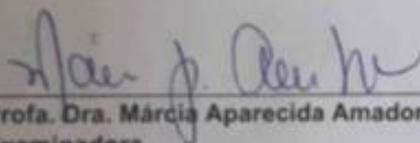
Ficha catalográfica elaborada por: Luiz Felipe Galeffi / CRB 080/2018

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM EDUCAÇÃO

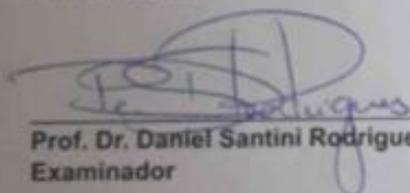
Larissa Vinhas Timóteo defendeu a dissertação "O AUTOCUIDADO, CUIDADO DE SI E DO OUTRO NA EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM: UM ENFOQUE NOS DOCENTES" aprovada no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco em 20 de dezembro de 2018 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:



Prof. Dr. Carlos Roberto da Silveira
Orientador e Presidente



Profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia
Examinadora



Prof. Dr. Daniel Santini Rodrigues
Examinador

Aos meus pais, Valter e Renata, à minha irmã Raissa
e ao meu amor Lucas.

AGRADECIMENTO

Ao meu Deus, pela sabedoria, por ter me feito crescer, pelo seu amor e por ter me carregado no colo quando minhas forças tinham se esgotado, não há palavras para expressar o quanto é bom viver de milagres, obrigado Senhor.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À Universidade São Francisco (USF), em especial aos docentes que compõe o *Stricto Sensu* em Educação, vocês também são responsáveis pelo meu amadurecimento como profissional e ser humano.

Aos amigos que aqui conquistei, destaco a minha amiga Íris, essa amizade sincera levarei por toda minha vida em meu coração.

Ao meu Orientador, prof. Dr^o Carlos Roberto da Silveira pela sua competência, integridade, conselhos, vivência e orientações.

À minha competente banca, prof. Dr^a Márcia Aparecida Amador Márcia e prof^o Dr^o Daniel Santini Rodrigues, pela destreza da temática, pela potência de profissionais que são e por cada apontamento que foi essencial para essa pesquisa.

À minha leitora crítica prof. Doutoranda Ana Sílvia Begalli, pela sensibilidade, profissionalismo e por refinar a pesquisa com suas considerações.

Aos suplentes de minha banca, prof. Dr José Vitor da Silva e prof. Dr^a Milena Moretto, por serem profissionais de referência para mim.

À minha mãe Renata Dias Timóteo, pelo seu amor, me incentivar, por enxugar minhas lágrimas, pela sua alegria em cada vitória e por sonhar comigo.

Ao meu pai Valter Vinhas Timóteo, por ser meu amigo, por confiar em mim, por me ajudar nessa batalha que não foi fácil, temos muitas histórias de estrada para contar no futuro.

Ao meu amor e amigo Lucas Gusmão Freitas, por ter sido meu apoio incondicional, pelo seu amor, amizade e parceria de vida, eu te amo.

À minha irmã Raissa Dias Timóteo, por ser meu braço direito, por compreender minhas fases difíceis e pelo compartilhamento diário de amor e amizade.

Ao meu avô Jair Francisco Dias, pelo seu carinho, pelas orações e por acreditar em meus sonhos, conseguimos mais uma etapa vô, obrigada.

À minha vó Maria de Fatima da Silva, por cuidar tão bem de mim durante toda a minha vida e por toda assistência que me deu quando eu mais precisava.

“Mas sempre que olho pra trás e vejo onde cheguei
Eu vejo como Deus cuidou de mim, por isso eu não parei
Sem Ele eu não venceria tudo o que eu venci
Com minhas próprias forças eu não estaria aqui [...]
Sempre estive aqui, nunca me deixou sozinho[...]
Era ELE a razão que me fez insistir”
Borges, Leandro, 2017.

TIMÓTEO, Larissa Vinhas. **Autocuidado, Cuidado de si e do outro na educação em enfermagem: Um enfoque nos docentes.** p.93 Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: Universidade São Francisco, Itatiba, 2018.

RESUMO

O cuidado de si, ou *epiméleia heautoû*, vem sendo explorado há milênios e passou por quatro principais fases de transição: o primeiro período é caracterizado pelo Socrático/Platônico, o segundo pelo Helenístico/Romano, o terceiro é compreendido na Cristandade e o quarto período que se concentrou na era da Modernidade e que de alguma forma nos faz pensar o contemporâneo. Michel Foucault em seu terceiro domínio de estudo, o da ética da existência, trabalhou com o enfoque no sujeito consigo, assim o cuidado de si em suas obras foi problematizado sob as concepções teóricas socráticas/platônicas, o que envolveu uma intrínseca ligação entre o conhecimento de si, o cuidado de si e o cuidado com o outro. No decorrer da pesquisa, através do levantamento do *corpus* do estudo, surgiu a necessidade de distinguir o cuidado de si foucaultiano que se associa ao *logos*, do autocuidado, que por sua vez ocorre sob atos concretos de cuidado. A pesquisa possui relevância científica por contribuir com uma bibliografia escassa na temática, relevância profissional pois pode proporcionar uma reflexão nos enfermeiros docentes frente a sua práxis do cuidado de si e assim emerge a relevância social, pois ao cuidarem de si refletirão no cuidado com o outro. A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética e Pesquisa em 2017, com o CAAE 84892318.5.0000.5514. O objetivo geral do estudo foi o de investigar a percepção do cuidado de si e o cuidado do outro, na compreensão dos docentes de enfermagem em suas práticas de ensino em uma instituição universitária de Minas Gerais. A metodologia se baseia em uma análise filosófica foucaultiana dos discursos. Foram entrevistados sete sujeitos, mas para a discussão utilizou-se o material de apenas dois sujeitos e a pesquisa segue a linha de Educação, Linguagens e Processos Interativos. As conclusões demonstram que os docentes de enfermagem, embora enunciam não exercer o cuidado de si, ou realizam-no de maneira parcial, pode-se identificar o processo de subjetivação que estes passaram ou passam, o que por si só caracteriza o cuidado de si. Nos discursos não fizeram distinção entre cuidado de si e do autocuidado (sendo este último característico na profissão), mas por outro lado afirmam que o cuidado de si interfere no cuidado com o outro, inclusive em suas práticas docentes, além de que, acreditam que a pesquisa possibilita a reflexão para a (des)construções de suas práticas de cuidado. Essa pesquisa se desenvolveu com o auxílio do Grupo de Estudos Foucaultianos em Educação da USF. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001.

Palavras chave: Autocuidado; Cuidado de si; Enfermeiro docente; Educação; Foucault.

TIMÓTEO, Larissa Vinhas. Self-care, Care of the self and Care for Others in Nursing Education: a Focus on the faculty staff. p. 93. Master's Dissertation in Education. São Paulo: Universidade São Francisco, Itatiba, 2018.

ABSTRACT

Care of the Self, or *epiméleia heautoû*, has been pursued for millenniums and gone through four main transitional phases: the first period is characterized by Socratic/Platonic, the second traced to the Hellenistic/Roman era, the third is witnessed during Christianity, and nowadays we live in the fourth period centered around the Modernity age and, somehow, leading us to consider the present-day. Michel Foucault in your third domain of study, aesthetics of existence, focuses on the Self, thereby care of the Self in his works discusses under the socratic/platonic theoretical concepts, encompassing the innate link between self-knowledge, care for the Self and care for others. In the course of the research, through the survey of *corpus* study, arose the need to distinguish the Foucauldian care of the Self, which associates with the *logos*, and the self-care, which in turn occurs under objective acts of care. The research exhibit scientific relevance for contributing to a scarce bibliography on the subject matter, professional relevance since it may provide a reflection of the nursing teacher on their praxis of care of the self, and therefore emerges the social relevance, because taking care of themselves will reflect on the care for others. The research was approved by the Research and Ethics Committee in 2017, and its CAAE 84892318.5.0000.5514. The general purpose of the study was investigating the perception of care of the self and care for others in the awareness of nursing faculty staff, in their teaching practices inside a university institution of Minas Gerais. The methodology is based upon a Foucauldian philosophical discourse analysis, and there were seven subjects interviewed, however only two of them were discussed hereinafter. The research conforms to the line of Education, Languages and iterative Processes. The conclusions drawn establish that the nursing lecturers, although they state to do not exercise the care of the Self, or to execute it in a partial way, it is possible to identify the subjectification which they have gone or still going through, characterizing the care of the self. In the discourses, they did not distinguish between care of the self and self-care (the last one typical of the occupation), on the other hand they affirm that the care of the self interferes in the care for others, including the teaching practices, in addition to believing the research enables the reflection for the (de)constructions of their care practices. This research was developed aided by the Grupo de Estudos Foucaultianos em Educação, USF. The present work was conducted with the support of the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

Keywords: Self-care; Care for the Self; Nursing teacher; Education; Foucault.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pirâmide de Maslow.....	25
Figura 2: Ciência Geral da Ordem.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS - Biblioteca Virtual em Saúde

CAAE – Certificado de Apresentação para Apresentação Ética

CEPE – Comitê de Ética e Pesquisa

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNS – Conselho Nacional de Saúde

COFEN – Conselho Federal de Enfermagem

EAD – Ensino à Distância

EEMJP – Escola Estadual Major João Pereira

EEWB – Escola de Enfermagem Wenceslau Braz

FWB – Faculdade Wenceslau Braz

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

INSS – Instituto Nacional de Seguro Social

SAE – Sistematização da Assistência de Enfermagem

USF – Universidade São Francisco

SUMÁRIO

“Pela longa estrada eu vou, estrada sou”...	11
“COMPREENDER A MARCHA” ...	14
1 “CONHECER AS MANHAS E AS MANHÃS” ...	21
1.1 O Cuidado	21
1.2 Do Autocuidado ao Cuidado de si e o Código de Ética em Enfermagem	22
1.3 O Cuidado de si e o enfermeiro docente	28
1.4 Os protagonistas do cuidado na docência em enfermagem e a Descrição dos Sujeitos Participantes da pesquisa	29
2 “TOCANDO EM FRENTE” ...	33
2.1 Os caminhos de Foucault	33
2.2 Cuidado de si	34
3 “ANDO DEVAGAR PORQUE JÁ TIVE PRESSA”...	43
3.1 “Cada um de nós compõe a sua história” ...	43
3.2 “É preciso a chuva para florir” ...	50
3.3 “Carrega[mos] o dom de ser[mos] capaz[es], de ser[mos] feliz[es]”...	58
3.3.1 <i>Gnôthi seautón</i>	59
3.3.2 <i>Epiméleia heautoû</i>	64
3.3.3 Cuidado com o outro	73
4 “MUITO POUCO EU SEI, OU NADA SEI” ...	80
REFERÊNCIAS	83
APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	90
APÊNDICE B: Características Sociodemográficas	91
APÊNDICE C: Entrevista Semiestruturada	92

“Pela longa estrada eu vou, estrada sou” ...

Como um velho boiadeiro levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada eu vou, estrada sou
Almir Sater e Renato Teixeira (1990).

Apesar da pouca idade, considero-me uma pessoa com inúmeras experiências, para cada uma delas, novas desconstruções, e, (re) construções, e nenhuma ideia que perdue para sempre, pois estou constantemente em ressignificação.

Costumo dizer, que eu mesma não fui capaz de optar pela minha profissão, fora ela que me escolheu no ano de 2012, e, confesso que foi a melhor escolha. Saindo do Ensino Médio, imatura, convicta de que minha vida estaria completa na maioridade, não sabia do longo e prazeroso caminho que trilharia. De imediato ingressei, na época na chamada Escola de Enfermagem Wenceslau Braz (EEWB), hoje, Faculdade Wenceslau Braz (FWB) situada na cidade de Itajubá, Minas Gerais. Tive contato com essa Instituição através de uma visita técnica com a turma do terceiro ano da Escola Estadual Major João Pereira - EEMJP (Itajubá). Não pude contemplar o brilho dos meus olhos, mas pude sentir cada forte pulsação ao andar pelas dependências da tão famosa escola de enfermagem.

Vestibular realizado, aprovada em vigésimo lugar, meu caminho profissional estava em andamento e não poderia, jamais, olhar para trás e desistir, nunca foi minha condição, a desistência. Na faculdade, fui muito feliz, mas também chorei muito, me decepcionei inúmeras vezes e foi dentro dela, com colegas de turma, com funcionários e professores que me desconstruí e construí infinitas vezes, jamais teria a condição de contar, claro, que na hora eu não entendia os diversos acontecimentos os quais enfrentava, mas, hoje posso, finalmente, olhar para trás e dizer que tudo me fez mais forte.

Foram longos cinco anos, sempre com muita intensidade, muita vivência e amor pelo que faço. Muitos pacientes passaram pelos meus cuidados, enquanto acadêmica, mas gostaria de registrar uma pessoa que representará todas as outras. Em um Pronto Socorro entrou, em uma ambulância, na sala de emergência, acompanhada da filha, uma senhora queixando-se de dores no peito e com dificuldade para respirar, foram prestados os primeiros socorros; e, essa, encaminhada para sala de observação, senti-me com as mãos atadas no momento, pois, quisera eu ter feito muito mais por aquela senhora. Passados trinta minutos, no máximo, depois do primeiro atendimento, escutei gritos de desespero de sua filha, pois a mãe estava tendo uma parada cardiorrespiratória. Essa senhora da qual relembro, neste momento, me lembrava dos traços de minha avó. Enfim, auxiliiei em seu atendimento enquanto retiravam a filha que estava

abalada e atônita. Já eram duas horas da tarde, não havia almoçado e meu corpo ansiava por energias, precisei despedir dela e disse que logo retornaria. No entanto, antes mesmo de terminar de dizer um até breve, segurou em meu jaleco com uma força tão grande que tive de usar minhas duas mãos para soltá-las, eu, então, segui olhando naqueles olhos tão profundos que até hoje não consigo decifrar se minha leitura deveria ser de agradecimento ou um pedido de socorro. Então, eu disse que tudo iria ficar bem e que voltaria rapidamente, mas ao retornar naquela sala, tudo parecia mais frio; e ela já havia partido. Dizem que toda enfermeira tem consigo um paciente para a vida toda e, para essa senhora, a Dona Maria, desprendi todo meu carinho, pois, cuidei, retirei os aparelhos, dobrei suas roupas, retirei sua aliança e a coloquei em uma pedra gelada. Acreditem! Esta senhora mudou-me, sem, ao menos, eu ter tido a oportunidade de conhecê-la. Agradeço a ela por me desconstruir também, por fazer perceber o quanto a vida é ligeiramente rápida e me fazer querer viver cada minuto da minha, como se fosse o último.

Meu agradecimento a todos os pacientes que sempre deixaram um pouco deles em mim. Ultrapassei meus limites na graduação, fui além do que eu achava que poderia fazer e chegar, realizei pesquisas, estágios extracurriculares, trabalhos voluntários e fui rejeitada em algumas oportunidades, mas a vida é assim, repleta de altos e baixos.

Descobri minha paixão pela enfermagem do trabalho e pela docência. Concluí meu curso em 21 de dezembro de 2016, e, diante de tudo o que eu havia passado, senti um aroma tão suave, era Deus sussurrando ao meu ouvido e dizendo que tudo havia valido a pena, e, antes mesmo do dia da minha colação de grau, já havia sido aprovada na Universidade São Francisco. Iria realizar mais um sonho, a de ser Mestre em Educação, confesso que não sabia como eu iria ter meus custos sanados, mas não importava ... era uma “porta” e uma oportunidade única e maravilhosa. Iniciei, em 2017, a Pós-graduação *Stricto Sensu* em educação, com um orientador e amigo, a quem, eu não poderia ser capaz de retribuir todo conhecimento que me proporcionou e, ainda, me proporciona, professor Dr. Carlos Roberto da Silveira e sua linda família, em especial sua esposa Maria Imaculada. Eu levo e levarei vocês em meu coração de um modo muito especial, e sempre oro por vocês.

Na Universidade São Francisco (USF), fiz, também, muitos amigos, chorei de alegria e de tristeza, nela, eu também cresci, minha ingenuidade saiu correndo pela janela e consegui, finalmente, olhar o mundo com um outro olhar, vi-me como na “Alegoria de Platão”, eu era uma daquelas pessoas amordaçadas, agrilhoadas, forçadas a olhar somente para o mundo das sombras, não era capaz de enxergar outro mundo, mas com as aulas e as discussões, pude perscrutar outras verdades, “ver além das sombras da caverna”. Quanto aos custos, fui

contemplada com uma bolsa integral da CAPES/PROSUC, à comissão de bolsas e à Instituição de fomento, meu agradecimento, pois sem este apoio, talvez, não teria conseguido realizar o meu sonho.

Como sempre vivi intensamente, também ingressei em um curso de especialização *Lato Sensu* em enfermagem do trabalho, enquanto fazia o *Stricto Sensu* na USF e cheguei a pensar que não conseguiria, mas, com a ajuda de Deus que nunca me deixou, venci mais uma batalha. Era mais um sonho realizado.

Agora, sou capaz de olhar para trás, contemplar tudo que passei para conquistar o lugar onde cheguei, academicamente, Mestre em Educação, Especialista em Enfermagem do Trabalho e Enfermeira. Lanço meus olhos para o futuro e não consigo enxergar o que será, no entanto, tenho somente uma certeza: a de que novos sonhos, novas conquistas, novas experiências virão; e tudo me fará crescer também. Perante tudo isso, só me resta emprestar as palavras de meu amigo Foucault – “Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer a mesma, estou me resignificando” pois, como diria o mestre Sócrates e também os nossos cantores/compositores da alma, Almir Sater e Renato Teixeira, “Só levo a certeza de que muito pouco eu sei, ou nada sei”.

“COMPREENDER A MARCHA”¹...

Penso que a vida seja simplesmente
Compreender a Marcha
Almir Sater e Renato Teixeira (1990).

A pesquisa foi construída em etapas, e esse primeiro momento nomeamos como “Compreender a Marcha”, pois é nele que traremos aspectos introdutórios para se compreender a imersão da pesquisa e o caminho que nela percorremos. Em seguida emergirá o “Conhecer as manhas e as manhãs” referindo-se ao contexto de produção de pesquisa. A terceira etapa configura-se nas Ferramentas Foucaultianas de análise, denominada como “Tocando em frente”, dando prosseguimento aos saberes necessários para a análise discursiva da pesquisa. Partindo dos pressupostos teóricos da pesquisa já trabalhados, partimos para a análise discursiva enfim, chamamos essa etapa de “Ando devagar porque já tive pressa”, porque nele trabalhamos progressivamente uma análise que percorreu os pensamentos de Foucault, atravessamos a questão do saber, do poder e assim do cuidado de si, cada etapa recebeu também um nome, sendo: “Cada um de nós compõe a sua história”, “É preciso a chuva para florir” e “Carrega[mos] o dom de ser[mos] capaz[es], de ser[mos] feliz[es]”. Finalizamos com as considerações finais da pesquisa ou “Só sei que muito pouco sei, ou nada sei”, além das referências e outros documentos (anexos e apêndices).

Todo título no decorrer da pesquisa se baseou em uma música, chamada Tocando em Frente, que é de autoria de Almir Sater e Renato Teixeira no ano de 1990, fica aqui registrado o agradecimento e reconhecimento pela linda poesia em forma de canção, que vai de encontro a nossa alma.

Nesta primeira parte, “Compreender a Marcha”, são abordados aspectos como a justificativa, a eclosão do interesse de sua produção e as relevâncias científica, social e profissional.

O interesse pelo tema surgiu durante a minha trajetória acadêmica na graduação, como pesquisadora. Verifiquei que os enfermeiros passam, diariamente, por uma grande sobrecarga de estresse, são facilmente acometidos por doenças, assim como pelas quedas contínuas de imunidades, e, estão, frequentemente, expostos aos riscos ocupacionais. Tais

¹ Corresponde à Introdução. Nesse tópico são explorados aspectos importantes para se compreender o desenvolvimento do estudo.

fatores interferem diretamente no cuidado de si do profissional e em seu cuidado com o outro.

Não descartando a relevância deste tema no âmbito assistencial do enfermeiro, a pesquisa tem por foco, principalmente, outra vertente, a da atuação deste enfermeiro profissional no universo docente, diante de suas práticas de cuidado de si, entrelaçadas no processo de educar.

O estudo tem por enfoque esta atividade do enfermeiro, com a finalidade de somar os acervos bibliográficos desta área, uma vez que a produção de pesquisas desenvolvidas é voltada para o profissional enfermeiro da área assistencial, sendo pouco debatidas as questões de saúde dos enfermeiros nas demais áreas, neste caso, o da docência. No entanto, existe um apontamento importante para se considerar quanto aos enfermeiros docentes. Esses possuem possibilidades de atuações em vários ambientes ocupacionais, ou seja, além das salas de aula, podem trabalhar em hospitais, nos setores de sua competência, casas de recuperação, unidades básicas de saúde, centros de atenção psicossociais, dentre outras áreas, bem como, a supervisão de estágios.

Partindo disso, torna-se evidente que os enfermeiros docentes estão susceptíveis aos riscos ocupacionais da sala de aula, principalmente, o ergonômico e psicossocial. Por outro lado, na função de enfermeiro assistencial podem enfrentar também, outros tipos de riscos físicos, químicos, ergonômicos e psicossociais. Deveras, somado a tudo isso, teria e tem-se a necessidade do cuidado consigo, com o acadêmico e com o paciente.

Perante o que foi até aqui, apresentado, emergiu a problemática da pesquisa, o ponto de partida para investigar a concepção e o significado das práticas do cuidado de si dos docentes em enfermagem. Com isso, apresentam-se os seguintes questionamentos: Qual a percepção do enfermeiro docente sobre o cuidado de si? O que compreendem sobre o autocuidado? Possuem práticas do cuidado de si? Como as realizam? Como este modo de cuidado de si, pode, ou não, influenciar no cuidado com o outro? Consideram o processo de educação como um modo de cuidado do outro? Por ter a enfermagem o “cuidado” como objeto de estudo, aqui deixamos os sujeitos da pesquisa enfocarem os cuidados inerentes à profissão.

Para compreensão do estudo, gostaríamos de distinguir dois conceitos que serão explorados: o *autocuidado* e o *cuidado de si*. A enfermagem está intrinsecamente ligada ao *autocuidado*, este relacionado ao físico, o biológico, o social, o espiritual, etc. Essa ciência até mesmo possui uma teoria que abrange o *autocuidado*, que aqui foi tratada no

capítulo 1, a do déficit do autocuidado, e esse déficit não está relacionado ao profissional enfermeiro, mas sim, ao outro: o paciente, a família, o sujeito e comunidade.

Quando falamos sobre o *cuidado de si*, estamos associando-o ao *logos*, numa busca pela interioridade que envolve o conhecimento de si, o cuidado de si e, conseqüentemente, reflete no cuidado com o outro, portanto, esse cuidado de si é ético e estético e não se limita às esferas composicionais (físico, psicológico, social e espiritual).

Ao propormos essa reflexão sobre o autocuidado na enfermagem, pretendemos unir os “cuidados” e que estes possam produzir uma melhor qualidade de vida, quando buscamos conhecer nossas potencialidades ou nossos pontos fracos, pois isso interfere no modo o qual exerço o meu cuidado (tanto eticamente, quanto no autocuidado), e tal desafio é importante para a enfermagem e para seus profissionais que dedicam uma vida cuidando do outro enquanto docente, e, muitas vezes, esquecem o cuidado de si mesmo.

A pesquisa tem relevância científica, uma vez que complementa uma bibliografia escassa, com foco no cuidado de si direcionado ao docente de enfermagem. E, em especial, quando nossas análises vão além dos cuidados da enfermagem e adentram o universo do “Cuidado de si, e do outro” - Socrático/Platônico, juntamente com o pensamento ético e estético de Michel Foucault. Assim, fica evidente diante de uma realização de pesquisa no banco de dados da CAPES em 2018, na qual verificamos as mesmas palavras-chave que são propostas nesta pesquisa: Autocuidado; Cuidado de si; Enfermeiro docente; Educação; Foucault. Constatou-se que não foi desenvolvida nenhuma pesquisa, com o viés foucaultiano. Baseando-se nisto, comprova-se a necessidade do desenvolvimento de pesquisas na área, a fim de contribuir com o tema.

No que condiz à relevância profissional, a pesquisa pode proporcionar uma maior reflexão teórico-filosófica a respeito da práxis do cuidado de si e do outro, e, desta maneira, poderá incentivar o cuidado de si dos enfermeiros docentes, podendo resultar em uma melhora da qualidade de vida destes.

Por fim, no âmbito social, consideramos que, ao existir uma maior atenção frente ao cuidado de si do enfermeiro docente, este refletirá e agirá de maneira proporcional na qualidade do processo de educação, no cuidado com o outro. Tendo estes profissionais o hábito do cuidado de si, poderão repassar o conhecimento sobre a importância do assunto para os futuros profissionais, ou seja, desta maneira, buscarão não somente uma melhoria na educação em si, mas, proporcionarão novos “modos de vida” aos futuros enfermeiros quanto ao cuidado de si, uma melhor assistência na saúde do outro, melhores informações

para com o cuidado das pessoas. Por objetivo geral investigamos a percepção do cuidado de si e o cuidado do outro na compreensão dos docentes de enfermagem e suas práticas de ensino. Quanto aos objetivos específicos pretendeu-se identificar as práticas do cuidado de si dos docentes de enfermagem, de uma Instituição de Ensino de Enfermagem do estado de Minas Gerais. O segundo objetivo específico foi de investigar a possível correlação existente entre o cuidado de si e do outro no processo da educação docente, através da perspectiva do “cuidado na enfermagem” e no “Cuidado de Si e do Outro” através das teorias e práxis filosóficas Socrática/Platônica e Foucaultiana quanto à ética e à estética de si.

Por hipóteses, tivemos três, sendo a primeira: no sentido do conhecimento e do cuidado de si Sócrático/Platônico/Foucaultiano, a relação ética/estética dos enfermeiros docentes são desconhecidas (inclusive pelo Código de Ética da profissão). A segunda: Os enfermeiros, enquanto docentes, não cuidam de si. E a terceira: Os enfermeiros, enquanto docentes, reconhecem a relação existente entre o cuidado de si e do outro no processo educacional.

Partindo da exposição do objetivo, geral e específicos, e das hipóteses da pesquisa, apresentamos os participantes dela: os docentes de uma instituição de ensino de enfermagem do estado de Minas Gerais.

Seu corpus foi constituído de sete colaboradores, sendo escolhidos dois para a análise da pesquisa e a amostragem foi do tipo proposital, incluindo dois para o pré-teste.

Em relação ao tamanho da amostra, Rennó e Ribeiro (2006) descrevem que os pequenos números constituem uma característica das pesquisas qualitativas. Polit; Beck e Hungler (2011) declaram que a amostragem proposital é aquela na qual os pesquisadores podem decidir propositalmente sobre a seleção de sujeitos considerados típicos da população ou conhecedores das questões estudadas.

Embora a amostra seja constituída por sete participantes, para critério de análise, foram utilizados dois destes, com a finalidade de se obter maior qualidade e profundidade no estudo, os demais dados foram armazenados para provável utilização *à posteriori*.

Os critérios de inclusão adotados para este estudo foram os seguintes: Ser docente enfermeiro de uma instituição de Enfermagem de Minas Gerais, e aceitar participar do estudo em questão. Já os critérios de exclusão serão os que não se enquadrarem no de inclusão.

A metodologia aplicada teve como base a Análise filosófica foucaultiana, isso a partir dos enunciados e discursos obtidos dos sujeitos/participantes. As entrevistas foram gravadas através de um gravador portátil, e, após, transcritas. Foram realizadas análises de questões subjetivas e singulares contidas no discurso dos sujeitos da pesquisa. Este método possibilita que o pesquisador leve em consideração o contexto no qual o participante se insere e suas dimensões sociais são vistas de modo integral.

Segundo Foucault, para se realizar uma análise de um discurso, é necessário partir dos fatores micro determinantes, uma vez que sujeito é efeito do discurso; e não o contrário. Toma-se, assim, a noção de discurso como:

Conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 1995, p. 136).

Uma análise de viés foucaultiano ultrapassa o óbvio, deve-se, então, ter o cuidado de investigar o enunciado² e suas condições de emergências, as palavras ditas, considerando que o discurso em si, nunca está vazio ideologicamente; e condizente a esta afirmação, Fisher (2001, p. 198) afirma:

Para Michel Foucault, é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar. E a primeira tarefa para chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto [...].

O estudo ocorreu em uma instituição de ensino de enfermagem no estado de Minas Gerais, o cenário do estudo, que de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), informamos suas características. O estado de Minas Gerais é localizado na região sudeste do Brasil e compreende 853 municípios, faz fronteira com os estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Goiás, Distrito Federal, Bahia e Espírito Santo.

² Em *A Arqueologia do saber* Foucault denomina enunciado como sendo: “um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 1995, p. 32) e como “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que [estas] apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 1995, p. 99).

O estado de Minas Gerais possui uma população estimada em 21.040.662 pessoas, sua densidade demográfica corresponde a um total de 33,41 hab./km². O rendimento mensal domiciliar per capita corresponde a 1.224,00, possui um índice de desenvolvimento humano – IDH de 0,731 e como área da unidade territorial, estende-se por 586.520,732 km². No âmbito educacional de ensino médio e fundamental, possui 14.049 instituições escolares, com um total de 3.392.096 de alunos matriculados e 226.057 docentes.

Atualmente, no ensino superior, Minas Gerais possui, dentre instituições Privadas, Federais e Estaduais 631 mil alunos matriculados no modo presencial, correspondendo a um total de 21,7%, quando referimos ao Ensino a Distância (EAD) Minas Gerais compreende um total de 118 mil alunos 10,2% de todo país. Dentre os cursos mais procurados, segue na liderança o curso de direito com 25.317 ingressantes e 10.935 concluintes, já a enfermagem aparece na oitava colocação, com 4.696 ingressantes, sendo 2.445 concluintes (SINDICATO DAS MANTENEDORAS DE ENSINO SUPERIOR, 2015).

Para a coleta de dados foi utilizado dois instrumentos, sendo um o questionário estruturado contendo as características pessoais, abrangendo aspectos como, idade, tempo de docência, titulação, estado civil e gênero (APÊNDICE C) e um roteiro de entrevista semiestruturada constituído de nove questões abertas referentes ao objetivo do estudo (APÊNDICE D). Os resultados obtidos serão armazenados pelo período de 5 (cinco) anos sob a responsabilidade dos pesquisadores.

Para iniciar a coleta de dados foi a princípio, enviada uma Carta de Autorização para Coleta de Dados para a diretora de uma Instituição de Ensino de Enfermagem de Minas Gerais para a realização da pesquisa na referida instituição. Após a autorização devidamente confirmada, este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco- Itatiba, São Paulo, através da Plataforma Brasil, obteve sua aprovação no dia 22 de março de 2018, confirmada pelo CAAE: 84892318.5.0000.5514 e com o Número do Parecer Consubstanciado: 2.559.118. Concluído esse processo, iniciou a coleta de dados da pesquisa, o que foi apresentado *à priori* aos participantes, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). Posteriormente, todos os relatos que foram transcritos na íntegra, estarão arquivados por um período de cinco anos após o término da pesquisa, de acordo com as Resoluções CNS no 466/ 2012 e 510/2016 do Ministério da Saúde.

Em seguida ocorreu a realização do pré-teste, que é um ensaio para se determinar se o instrumento foi formulado com clareza sem parcialidade e útil para gerações de informações desejadas (POLIT; BECK; HUNGLER, 2011).

As perguntas devem ser previamente testadas em sujeitos que pertençam ao mesmo critério de elegibilidade aos que serão pesquisados, com o objetivo de verificar se as mesmas vão do encontro com o que se propõe a pesquisa (LEFEVRE; LEFEVRE, 2010).

O instrumento de pesquisa foi aplicado a dois docentes enfermeiros da Instituição de Ensino de Enfermagem de Minas Gerais, que foram inclusos na amostra, como um todo.

Os dados foram descritos e as análises realizadas a partir dos discursos dos participantes da pesquisa à luz do referencial teórico de Foucault sobre o cuidado de si e do outro, a ética e a estética da existência, com o intuito de buscar investigar como os professores de enfermagem compreendem o cuidado de si, assim como levar a reflexão da prática do cuidado do outro em sua docência, e, por último, mas, não menos importante, apresenta-se uma reflexão sobre sua qualidade de vida enquanto docente.

Este estudo segue os preceitos estabelecidos pelas Resoluções CNS nº. 466/2012 e 510/2016 do Ministério da Saúde que incorpora, sob a ótica do indivíduo e da coletividade, a autonomia, não maleficência, justiça e equidade, dentre outros, visando assegurar os direitos e deveres aos participantes, à comunidade científica e ao Estado.

Na sequência de nosso trabalho, tratamos do contexto de produção da pesquisa, que chamamos de “Conhecer as manhas e as manhãs”, são abordados temas referentes ao cuidado, autocuidado, cuidado de si, ambos na enfermagem e que fornecem meios para as discussões *a posteriori*.

1 “CONHECER AS MANHAS E AS MANHÃS”³...

Conhecer as manhas
e as manhãs, o sabor das massas
e das maçãs
Almir Sater e Renato Teixeira (1990).

Aqui são abordados temas que proporcionaram o desenvolvimento da pesquisa, ou seja, aspectos que envolvem o Cuidado, Do autocuidado ao Cuidado de si no Código de Ética em Enfermagem, O cuidado de si e o enfermeiro docente, os protagonistas do cuidado na docência em enfermagem e a descrição dos sujeitos participantes.

1.1 O Cuidado

Na etimologia, o termo cuidado advém do latim, da palavra *cogitatus*, aquilo que faz referência a algo ou a uma situação pensada/refletida em prol de alguma coisa, pessoa e/ou situação, relacionando-se, primordialmente, sob a cura do outrem (SILVA et al., 2009).

Quando apontamos para o termo “cuidado”, de uma forma geral, torna-se necessário partir de um ponto crucial, o de que este é a base da existência humana e deve anteceder qualquer atitude diante de um fato. O cuidado é voltado para com seres vivos, mas, também, aos não vivos, relacionando desta maneira, por exemplo, para a preservação de rochas e outras coisas não vivas (STAMM, 2002).

A autora acima defende que o cuidado está presente em todas as circunstâncias da vida, desde o jardim, as flores, como também, em relação a uma existência humana. O ser humano, de um modo especial, devido à complexidade de si, precisa corresponder o cuidado para com suas esferas de composição (biopsicossocial).

O cuidado atravessa todo conhecimento científico, o qual é o foco da pesquisa, mas não podemos negar que compreende, também, o campo dos conhecimentos populares. Este está, intrinsecamente, ligado às culturas as quais cada uma estabelece seu conceito de cuidado (SALBEGO et al., 2013).

Tal conceito é, portanto, de acordo com Salbego et al., (2013, p.17):

[...] uma ação subjetiva compreendida universalmente, por se encontrar presente em todas as culturas, sendo, porém, definido em cada meio de maneira diversificada, pois reflete os valores e as práticas socioculturais específicas de determinado grupo social e não, meramente, execução de procedimentos e técnicas ou como ofício de uma profissão.

³ Conhecer os temas que dão apoio ao desenvolvimento da pesquisa.

Segundo Silveira (2011, p.3), o cuidado tem suas raízes fundamentadas nas narrativas míticas, como exemplo aponta que: “Na mitologia, assim como na história humana, as mulheres foram os primeiros seres devotados ao ‘cuidado’, às cerimônias religiosas e fúnebres, aos ritos e às curas. O vínculo materno era o princípio universal da ‘fraternidade’”. Declara que Heidegger se empenhou em abordar a problemática em sua obra *Ser e Tempo* de 1927, assim, desenvolveu discussões sobre o *Cuidado*, através da Fábula de Higino (SILVEIRA, 2011).

Segundo Rocha (2011), a Fábula retrata um diálogo que ocorre partindo de Higino, um escravo grego de Júlio César Otávio, que em Roma, teve a oportunidade de se tornar um verdadeiro educador, inclusive, escreveu vários livros, contendo fábulas, sendo uma delas a do cuidado, sobre isso,

Certa vez, atravessando um rio. Cura viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a dar-lhe forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A Cura pediu-lhe que desse espírito a forma de argila, o que fez de bom grado. Como a Cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o nome. Enquanto Cura e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a Terra (*Tellus*) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: “Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, Terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a Cura quem primeiro o formou, ele deve pertencer ao Cuidado enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome a disputa, ele chamar-se homo, pois foi feito de húmus (HEIDEGGER, 2005, p.266).

A fábula acima descrita desenrola-se envolta do Cuidado, que ao esculpir um ser, deu origem ao humano. Júpiter, por sua vez, deu o sopro de vida, gerando, assim, toda uma discussão sobre qual nome receberia a obra do Cuidado. Até que no fim, é chamado de *húmus*, pois foi feito de terra, mas sempre pertencerá ao Cuidado, à Cura, pois foi ele que o criou. O cuidado é, portanto, compreendido como aquilo que precede a ontologia do *homo* no mundo e é ele que transforma as relações interpessoais com o outro, ou seja, o cuidado de si liga-se, intimamente, ao cuidado com o outro, interdependente.

Sabendo que o cuidado tem sido alvo de reflexões há tempos, apresentaremos a temática sob a perspectiva do autocuidado na enfermagem e suas implicações na profissão.

1.2 Do Autocuidado ao Cuidado de si e o Código de Ética em Enfermagem

Tendo um breve conhecimento da conceituação e da construção histórica filosófica do *epimeléia heatoû*, podemos fazer a menção da enfermagem neste cenário. Na profissão docente em enfermagem, cujo objeto de trabalho é, justamente, o cuidado, as aulas ministradas devem voltar aos outros, mas a questão que aqui se buscará compreender é, que, para este profissional poder exercer o cuidado do outro, acreditamos que este precisa, inicialmente, conhecer-se e cuidar de si. O cuidado de si é uma consequência do conhecimento de si, o cuidado com o outro se resulta do cuidado de si. Em outras palavras, o cuidado do outro é efetivamente proporcional e dependente do cuidado de si. Trataremos, nesse tópico, o cuidado (autocuidado) na enfermagem, tendo em vista que já fizemos sua distinção desde a introdução deste trabalho.

Já na teoria de enfermagem, temos a proposta da enfermeira Dorothea Orem⁴ sobre o “Déficit do Autocuidado”. Nesse modelo emergente da década de 50, ela defendeu que o autocuidado deve ser desenvolvido por todo indivíduo, buscando, assim, um equilíbrio em suas esferas de composição biopsíquicosocioespiritual. Para isso, deve-se considerar as necessidades humanas básicas, como, o sono, a alimentação e o lazer, caso contrário, causa-se, então, um “déficit” e é, justamente, o que é transcorrido nesta teoria de enfermagem (VITOR; LOPES; ARAUJO, 2010).

⁴ “Dorothea E. Orem nasceu em Baltimore, Maryland-EUA em 1914. Pai trabalhador da construção civil e pescador, mãe dona de casa. Iniciou seus estudos de enfermagem no Providence Hospital School of Nursing, em Washington e concluiu nos anos 30. Em 1939 obteve o grau de Bacharel em Ciências em Educação de enfermagem e Mestre em Ciências em Educação de Enfermagem em 1945 pela Catholic University of América. Entre os títulos e graus honorários recebidos incluem o de Doutora em Ciências Georgetown University em 1976, Doutora em Ciências da Incamat Word College em 1980 e doutora em Humane Letters Llinois Westem University em 1988. Em 1992 foi nomeada membro honorário da América Academy of Nursing. Como profissional de enfermagem trabalhou como enfermeira de equipe e particular, educadora de enfermagem, administradora e consultora de enfermagem. No período entre 1949 a 1957 foi assessora de serviços institucionais do Conselho de Saúde do estado de Indiana e entre 1957 e 59 participou como consultora para Secretaria de Educação do Departamento de Saúde, Educação e Bem-estar em um projeto com objetivo de melhorar o treinamento de enfermagem prática, o que a levou a publicar em 1959 o conceito de enfermagem como autocuidado. Dando continuidade no desenvolvimento dos seus conceitos de enfermagem de autocuidado publicou em 1971 *Nursing: Concepts of practice* em quatro edições. A primeira enfocava o indivíduo; a segunda unidade multipessoais-família, grupos e comunidades; a terceira apresentava geral teoria de enfermagem de Orem constituída por três bases teóricas relacionadas autocuidado, déficit de autocuidado e sistemas de enfermagem e a quarta dando ênfase à criança, os grupos e a sociedade. Orem faleceu em 22 de junho de 2007, pouco antes de completar 93 anos, na cidade de Savannah, GA, Estados Unidos, em sua residência” (<<http://www.fwb.edu.br/pesquisa/autocuidado/frmbiografia.html>>,2018, p.1).

A referida teoria defende a posição autônoma do sujeito perante seu papel no autocuidado, ou seja, que ele passe a ser o autor do cuidado de si, sempre que possível, pois ninguém melhor que o *eu* para conhecer as necessidades enfrentadas pelo *eu/ pelo si*. Desta maneira, acredita-se que o que está apto ao indivíduo realizar para sanar ou reduzir seus próprios déficits deve ser solucionado por ele mesmo, praticando por sua vez, o cuidado de si, tendo *a priori* o conhecimento de si, assim, tornando o sujeito cada vez mais independente de sua saúde.

Autocuidado significa cuidar de si próprio, são as atitudes, os comportamentos que a pessoa tem em seu próprio benefício, com a finalidade de promover a saúde, preservar, assegurar e manter a vida [...] o autocuidado ou cuidar de si representa a essência da existência humana (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008, p.7).

Podemos perceber que, até mesmo, o Ministério da Saúde, não trata o cuidado como um aspecto que aborda condições amplas e abrangentes, ele se limita, quando se conceitua somente na esfera física. Fica evidente a necessidade de realizar a junção do autocuidado (comum) e do cuidado de si (Socrático/Platônico) nesse cenário, pois atingiria, por sua vez, a saúde física, espiritual, psicológica, ética, dentre outras.

Temos o conhecimento sobre esta teoria que alude a respeito da necessidade da autonomia do outro em suas práticas de autocuidado, mas, e quanto ao profissional que presta os cuidados ao outro?

O cuidado do outro está presente em diversas interações, como já mencionado antes. E, o enfermeiro é o profissional que passa a maior parte do tempo a cuidar do outro. “Estabelecer o cuidado [...] requer muito do enfermeiro, pois o relacionamento que se configura com o convívio é tão intenso, que se torna de difícil definir. O tempo de permanência torna-se um processo de empatia de aprendizagem mútua” (ALVES et al., 2006).

O autocuidado envolve ações práticas, sob atos concretos. Baseando-se nesta concepção, Silva (2009, p. 701) relata sobre o autocuidado no campo biológico, que envolve: “descansar adequadamente, fazer exercício regularmente, dançar e caminhar”; no aspecto social, este mesmo autor faz referência ao: “abraçar, beijar, possuir bom relacionamento com os outros”, também salienta o cuidar de si no âmbito espiritual: “orar”, estabelecer um vínculo com o Ser superior. O autor termina dizendo que “[...] apesar da enfermagem ser uma disciplina na qual se tem formação para o ato de cuidar, os enfermeiros têm dificuldade em praticar o autocuidado” (SILVA, 2009, p. 701).

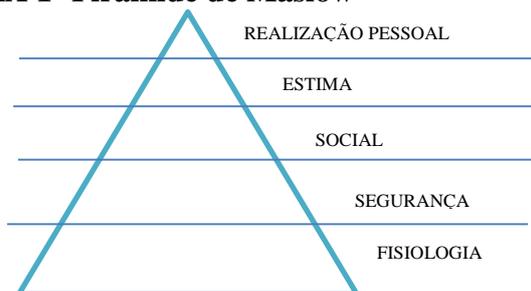
Indo além, citaremos uma Teoria proposta por Abraham Harold Maslow⁵, que já se encontrava insatisfeito com a psicologia da época, por isso, ao transcorrer do tempo e estando em contatos com outros que partilhavam da mesma ideia, acabou elaborando a Pirâmide de Maslow que é baseada em uma psicologia humanista, ou seja, aquela que leva em consideração as necessidades humanas básicas de qualquer pessoa.

De acordo com Maslow, era necessário que o ser humano buscasse satisfazer o seu corpo com os seguintes componentes, de acordo com BRANCO; SILVA (2017):

- *Fisiológico*, a base da pirâmide: respiração, comida, água, sexo, sono, homeostase⁶ e excreção.
- *Segurança*, o segundo patamar: segurança do corpo, do (no) emprego, recursos, da moral, da saúde, dentre outros.
- *Social*, o terceiro patamar: Vida social com a família, amigos, espiritualidade e amores.
- *Estima*, o quarto patamar: Autoestima, confiança e conquistas.
- *Realização Pessoal*, o quinto e último patamar: Criatividade, resiliência, dentre outros.

Baseando-se nos autores supracitados, os pesquisadores elaboraram a pirâmide de Maslow, para melhor entendimento:

FIGURA 1- Pirâmide de Maslow



Fonte: BRANCO; SILVA, 2017.
Nota: Criada pelos pesquisadores.

⁵ “Maslow nasceu em 01 de abril de 1908, no bairro do *Brooklyn*, em Nova Iorque. Maslow teve uma infância humilde, sem muitos amigos, devido ao fato de o seu bairro possuir poucos judeus, o que lhe possibilitou bastante tempo para ler e estudar. Envolvido pela insatisfação, e com o intuito de criar uma proposta alternativa à Psicologia Comportamental e à Psicanálise, Abraham Maslow, em 1954, começou a compilar uma lista de correspondência que continha o contato de outros psicólogos, também, insatisfeitos com o contexto relacionado à Psicologia da época, com o transcorrer do tempo Maslow adotou uma nova metodologia: a Psicologia humanista e criou a pirâmide de Maslow” (BRANCO; SILVA, 2017, p. 1-11).

⁶ Capacidade do corpo de manter em equilíbrio fisiológico, *grifo meu*.

Enquanto o autocuidado destina-se aos atos concretos, o cuidado de si não é visível a olho nu, ele é ético e envolve uma preocupação em ocupar-se de si mesmo, é “sem dúvida, a fórmula fundadora da questão das relações entre sujeito e verdade” (FOUCAULT, 2006, p. 7).

Sabendo a conceituação do autocuidado, problematizaremos a temática do autocuidado no Código de Ética em Enfermagem, mas para isso é necessário contextualizar sobre o CEPE.

O Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem (CEPE) foi elaborado pelo Conselho Federal de Enfermagem, em parceria com os Conselhos Regionais de Enfermagem. O Código foi deliberado pela resolução nº 564/2017, substituindo a de nº 311/2007, que possui como referências diversos documentos como a Declaração Universal dos Direitos do Homem, o Código de Deontologia de Enfermagem do Conselho Federal de Enfermagem de 1976, dentre inúmeros outros. Foi formulado, partindo da necessidade de compreender-se a enfermagem como ciência diretamente reproduzida no meio social, ético e político, além de que se constitui dos processos de ensino, de pesquisa e de assistência à pessoa, à família e ao coletivo, em todo ciclo da vida. O Código é subdividido em seções sobre os princípios, os direitos, as responsabilidades e proibições (CEPE- MG, 2017).

A questão do cuidado no código de ética em enfermagem sempre está voltada para com o outro, ou seja, visa sempre o bem-estar do outro, proporcionando a minimização de riscos à saúde do outro, assim como, sua melhora na segurança e promoção na saúde.

No que condiz aos seus princípios fundamentais, o CEPE afirma que a enfermagem é uma profissão responsável pela vida e, por isso, “A enfermagem é comprometida com a produção e gestão do cuidado prestado nos diferentes contextos socioambientais e culturais em resposta às necessidades da pessoa, da família e da coletividade” (CEPE- MG, 2017, p. 5). Em momento algum, o CEPE menciona o autocuidado para com o enfermeiro, menos ainda, o cuidado de si, e quando se volta aos enfermeiros docentes, há um déficit ainda maior.

A educação é uma maneira de cuidar do próximo e o docente enfermeiro é responsável pelo processo de aprendizagem dos futuros enfermeiros para o ato do cuidado. Entretanto, sabemos que a qualidade do cuidado do outro, inclusive no campo educacional, como aqui tratado, se relaciona na medida em que se tem qualidade no cuidado de si, ou seja, se há o cuidado de si eficiente para com os docentes enfermeiros,

há um cuidado do outro proporcional e de qualidade, mas, em momento algum o Código de Ética menciona essa circunstância.

Sabemos que o Código de Ética de Enfermagem é regulamentado e formulado pelo Conselho Federal de Enfermagem, ou seja, um órgão de extrema importância dentro da enfermagem e que exerce, através de suas diretrizes, o poder, ou seja, nesse caso, ele é o possuidor deste poder.

Pensamos que o Código de Ética deva respaldar o profissional enfermeiro, tanto em suas responsabilidades, atribuições, proibições, bem como em seus direitos e princípios. No entanto, este não menciona o autocuidado e cuidado de si dos próprios profissionais, como se eles fossem somente responsáveis e devedores do cuidado do outro, mas, e o cuidado de si? No fim de tudo, quem é o cuidador do “si”? Quem cuida do enfermeiro? Do enfermeiro docente? Aqui podemos citar Galvão, 2014, p.2, sobre Deleuze:

De acordo com Deleuze, o homem em relação a si, utilizando uma expressão de Heidegger, encontra-se “esquecido de seu esquecimento”, o que, sobre a concepção ética de Foucault significa que ele se esquece de cuidar de si mesmo e, além disso, esquece-se desse esquecimento, o que o impede de “cuidar de si”. Portanto, o homem, nessa condição, mantém-se distante de si com sua consciência localizada em outras coisas que não ele mesmo. Todavia, o homem necessita voltar para si para depois voltar-se para o mundo, caracterizando o duplo-retorno dessa concepção ética.

O silêncio do cuidado para com os profissionais, não somente omite um fator tão importante, que é o cuidado voltado ao profissional enfermeiro, como vai muito mais além, pois, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) salienta o cuidado com o outro, no entanto, por outra face, silencia o cuidado de si.

O fato de não haver menção alguma no caso do Código de Ética em Enfermagem frente ao autocuidado e o cuidado de si dos profissionais de enfermagem, possui uma base histórica e um contexto ideológico por trás destes fatos, ou seja, em tudo se tem um por que (BERTOLUCCI, 1997). Neste caso, qual seria o motivo do silêncio por parte de um órgão federal e regulamentador, em relação ao cuidado para com os profissionais enfermeiros docentes?

O Código de Ética de Enfermagem, não apresenta em nenhum momento, respaldos, no que se refere ao autocuidado e cuidado de si dos enfermeiros de modo geral, menos ainda, sobre o enfermeiro docente de enfermagem.

Já numa perspectiva relacionada ao “Homem integral”, para Emmanuel Mounier, é urgente que o humano se preocupe consigo *a priori*, mas não se esqueça de que o cuidar

do outro é indispensável, ou seja, para Mounier, a pessoa não se restringia ao si, ao egocentrismo, e embasando-se nestas concepções, que emerge a real preocupação em diferenciar a pessoa do “indivíduo” (SILVEIRA, 2017). “A pessoa é um absoluto vale por si mesma. Ela é dotada de dignidade intrínseca (dignidade humana). Essa jamais poderá ser um meio, terá que ser sempre um fim” (PEIXOTO, 2001, p. 105).

Fato que se conduz ao docente de enfermagem, a figura central no ensinamento do cuidado do outro, mas que, muitas vezes, não exerce o autocuidado, menos ainda, o cuidado de si, podendo ocasionar déficits no processo de educação, além do mais, não proporciona subsídios de reflexão para que os futuros profissionais passem a prática do cuidado de si, para, então, o cuidado com o outro.

Essa condição vai de encontro aos pensamentos de Sócrates, em que se encontrava seu espírito de educador, sempre vivo nas diversas áreas de sua vida e em seu modo de se relacionar (SILVEIRA, 2014). O importante é este mesmo intuito, o de um Sócrates educador, e que este esteja presente nos docentes de enfermagem, que exerçam o cuidado de si, mas, sempre, com a certeza de que seu modo de relacionar consigo pode influenciar no modo de educar o outro, o cuidado com o outro.

A ocupação e preocupação de Sócrates dedicadas aos homens de seu tempo, confere à contemporaneidade, a todos os educadores, a necessidade de cuidado com as sementes [discentes] e com o cultivo dos jardins [o autor refere-se aos “Jardins de Adônis”⁷ da obra *Fedro* de Platão] (SILVEIRA, 2014, p.117,118).

1.3 O cuidado de si e o enfermeiro docente

O objeto de trabalho do enfermeiro é o cuidado, e, sabendo disso, é que se adentra o universo do docente enfermeiro neste contexto, pois é ele o responsável pelo processo educacional frente aos ensinamentos do cuidar do outro, ou seja, ele ensina o outro a cuidar cuidando, pois, nesta pesquisa, compreendemos a educação como um modo de cuidado. Diante desta afirmação, emergem indagações cruciais sobre o tema que envolve as práticas do cuidado de si do enfermeiro educador. Uma delas se relaciona ao segundo objetivo específico a ser investigado, que se refere ao cuidado com o outro, a possível

⁷ Há aqui, explicitamente, uma referência a uma técnica apropriada para a inscrição do *logos* na alma. Assim como há uma técnica de semear, há uma técnica de inscrever *lógoi* nas almas. Essa técnica leva em conta o tempo apropriado e necessário para que algo seja inscrito, cresça e frutifique na alma do aluno. A comparação explícita é de possíveis oito dias para o amadurecimento de plantas no jardim de Adônis e de oito meses próprios para as sementes crescerem e frutificarem na terra apropriada. A escrita exterior produz rapidamente frutos aparentes, pois a pessoa pode repetir frases feitas com aparência de sabedoria. No entanto, a verdadeira sabedoria deve ser inscrita na alma apropriada, esperando os "oito meses" apropriados para que ela cresça e dê seus frutos. Corroborando o que vínhamos dizendo, é necessário um processo pelo qual passa o aprendiz para que ele realmente possa saber sobre um assunto (PINHEIRO, 2008, p.15).

influência ou não, do cuidado de si, frente a sua prática educacional: até que ponto o déficit do cuidado de si pode, ou não, comprometer a qualidade do cuidar do outro, aqui compreendida como o processo de educar?

Por muitas vezes, o enfermeiro abstêm-se do próprio cuidado por achar que não será acometido por doenças ou outros problemas de saúde pública (como é o caso de maus súbitos, do tabagismo, dentre outras).

Um estudo realizado no ano de 2015, através de uma revisão bibliográfica em banco de dados da Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) sobre publicações de artigos, com palavras-chave: Enfermagem; Depressão e Suicídio, no período de 2004 a 2014, em oito países (Brasil, Espanha, Taiwan, Austrália, Canadá, Coreia do Sul, Estados Unidos da América e Turquia) mostra que os profissionais da saúde, dentre eles os enfermeiros, são os mais suscetíveis às doenças psicológicas e aos suicídios; e, essa proporção cresce à medida em que se tem um maior nível de instrução e qualificação. Tal condição nos direciona para que olhemos com maior cautela para essa classe de trabalhadores que, embora cuidem do outro, e sejam preparados para o cuidado, muitas vezes, deixam a desejar quanto ao cuidado de si (SILVA et al., 2015).

Quando nos reportamos ao enfermeiro docente, sabemos que esse profissional também está susceptível aos mesmos riscos anteriormente citados, além de que, o ambiente em que ele está inserido envolve a relação docente – discente, pois ainda há aqueles que são professores supervisores de estágios que devem lidar com outro tipo de relação: a do processo de saúde x doença com o paciente, família e comunidade (GIODANO; FELLI, 2017).

Torna-se evidente, então, a importância de ocorrer um equilíbrio entre o cuidar de si e o cuidar do outro, no campo educacional, visando tanto à qualidade de vida do educador, quanto a qualidade da práxis no processo de educar.

1.4 Os protagonistas do cuidado na docência em enfermagem e a Descrição dos participantes da Pesquisa

Para resguardar sua identidade, as dos sujeitos da pesquisa, utilizar-se-ão de pseudônimos de grandes protagonistas da enfermagem, símbolos de valores morais, de cuidado e compaixão a serem seguidas em nossa profissão, por isso, também pretendemos homenageá-las Assim, optou-se por estes dois nomes, que serão meramente ilustrativos

para as nossas análises, sendo, a primeira chamada de Florence Nightingale e a segunda de Anna Nery, ambos os discursos serão, devidamente, identificados à medida da construção dos textos.

Para situarmos, é necessário, aqui, descrever quem foi Florence Nightingale, criadora da profissão de enfermagem, no século XIX. Florence nasceu em 12 de maio de 1820, em Florença, na Itália e faleceu em 13 de agosto de 1910, em Mayfair, Londres. Oriunda de uma família de posses foi bem instruída quanto aos estudos da língua⁸, da arte e da história. Abandonou o noivado que já estava marcado, indo contra as regras convencionais das mulheres da época, que eram criadas para a submissão do marido, para viver uma vida de caridade. Teve uma participação de destaque e foi reconhecida durante a Guerra da Crimeia em 1854, o que garantiu um papel primordial da mulher, inclusive, dentro das forças armadas. Durante esse acontecimento, muitas foram as dificuldades encontradas⁹ e grandes eram os números de óbitos por condições sanitárias inadequadas. Diante do caos instaurado, Florence não desistiu, e foi à luta, sempre persistente, durante as madrugadas, passava entre os corredores dos feridos iluminando o seu caminho com uma lamparina, que hoje é o símbolo da enfermagem e, faz relação direta à Florence (COSTA et al., 2009).

Florence foi indispensável para a construção da enfermagem como ciência¹⁰, pois foi através dela e de seus respectivos estudos, ainda durante a guerra de 1854, que diminuiram-se os números de óbitos por infecções, a índices mínimos, com isso, criou-se a teoria ambientalista¹¹. Além disso, organizou dois hospitais, sendo um em Scuttari na Turquia, o Hospital Geral; e o Barrack Hospital; além disso, fundou uma escola de enfermeiras no Hospital St. Thomas em Londres, utilizando, para isso, o prêmio que recebeu de 40 mil libras, pela brilhante atuação como enfermeira, quando ela retornou da guerra em 1856¹² (PENA et al., 2017).

Enquanto Florence Nightingale se destacava como enfermeira no século XIX, em âmbito mundial, Anna Justina Ferreira Nery, mais conhecida como Anna Nery, foi pioneira da enfermagem no Brasil. Ela nasceu em 13 de dezembro de 1814, na Bahia e

⁸ Estudiosa do Grego e Latim (COSTA et al., 2009).

⁹ Falta de luminosidade no local onde se encontrava os feridos, ventilação precária e rápida proliferação de infecções (COSTA et al., 2009).

¹⁰ Além de atuar na construção de uma teoria de enfermagem, escreveu artigos e livros, como o “Notas Sobre Enfermagem: O que é e o que não é” de 1959 (PENA et al., 2017).

¹¹ “Nightingale acreditava que ao fornecer um ambiente adequado era o diferencial na recuperação dos doentes, e é este preceito que fundamenta a Teoria Ambientalista.” (MEDEIROS; ENDERS; LIRA, 2015).

¹² Retornou em 1856 da guerra por ter contraído febre Tifóide e a escola de enfermeiras foi fundada em 1960 (PENA et al., 2017).

faleceu em 20 de maio de 1880, no Rio de Janeiro. Anna era também estudiosa das línguas, inglesa e francesa, viúva de um capitão do exército, que, assim como Florence, participou de uma Guerra, a do Paraguai. Depois de obter deferimento do presidente da província da Bahia para que acompanhasse seus filhos¹³ e irmão que iriam participar no confronto, adentrou na guerra como enfermeira voluntária. Prestou serviços nos hospitais militares durante todo o período de guerra (1864-1870), na Argentina, no Humaitá, em Assunção e em Salto. Prestou cuidados tanto para os aliados da Tríplice Aliança – Brasil, Argentina e Uruguai, como, também, dedicou seu tempo para cuidar, indistintamente, dos soldados invasores (CARDOSO; MIRANDA, 1999).

Anna Nery, perante as condições de insalubridade em que os hospitais militares se apresentavam, combateu, também, os índices de mortalidade por infecções de feridas e fez o uso de plantas medicinais¹⁴ nos tratamentos. Ela recebeu a Medalha Geral de Campanha, a Medalha Humanitária de Primeira Classe, foi precursora da Cruz Vermelha no Brasil e, em sua homenagem, a primeira Escola de Enfermagem do Brasil traz consigo, até hoje, o seu nome. No dia 10 de agosto de 1938, com a Promulgação do Decreto 2.956, por Getúlio Vargas, foi instituído o dia do Enfermeiro no Brasil, comemorado no dia 12 de maio (SALES, 2018).

Sabendo dos grandes nomes a serem utilizados como pseudônimos, daremos início a descrição dos sujeitos participantes da pesquisa, que serão dois, durante todo o estudo. A primeira intitulada aqui como Florence Nightingale exerce a função de enfermeira docente em enfermagem, há quase três décadas. É do sexo feminino, casada, possui mestrado em Educação, trabalha 40 horas semanais como docente e além da docência exerce outras atividades.

O segundo sujeito participante, intitulado aqui como Anna Nery exerce a função de enfermeira docente em enfermagem há quase uma década, sexo feminino, casada, possui mestrado em Educação, trabalha 15 horas semanais, e, além de docente, exerce outras atividades.

Os sujeitos participantes da pesquisa são enfermeiros graduados, e possuem diversas áreas de atuação, por exemplo, quando seu ambiente de labor for assistencial é o responsável para chefia da equipe de enfermagem, que é composta por auxiliares (cursos que deixaram de existir, agora se exige o técnico) e por técnicos em enfermagem.

¹³ Seus três filhos foram para a guerra do Paraguai e ela acabou por presenciar a morte de um desses (CARDOSO; MIRANDA, 1999).

¹⁴ Considerada a primeira não-religiosa a utilizar plantas medicinais para o cuidado (SALES, 2018).

Outra área de atuação compreende à docência, enfermeiros docentes, dentre inúmeras outras áreas, como nefrologia, cardiologia, oncologia, e assim por diante.

Sabemos que os estudos de Foucault se centralizaram nos sujeitos, por isso, chamamos o próximo tópico como “Tocando em frente”, dando prosseguimento as bases necessárias para o desenvolvimento da pesquisa, nele se concentra as ferramentas foucaultianas de análise.

2 “TOCANDO EM FRENTE”¹⁵...

Penso que a vida seja simplesmente[...]
Ir tocando em frente
Almir Sater e Renato Teixeira (1990).

Neste tópico, foram abordados os temas que proporcionaram suporte no transcorrer da pesquisa e das análises. Abrangeram, desta maneira, os aspectos teóricos filosóficos e históricos do cuidado, bem como a evolução conceitual do cuidado de si, em concomitância às questões do zelo com o outro, compreendido nesta pesquisa como o processo de educar.

Trataremos sobre relação entre uma tríade foucaultiana - o conhecimento de si, cuidado de si e o cuidado do outro (*éthos* político da Antiguidade). Todos os temas aqui tratados buscaram um diálogo com as teorias foucaultianas sobre o Cuidado de si, centradas, especialmente, no chamado terceiro domínio, ou fase ética.

Entretanto, antes de adentrar nos temas supracitados, cabe introduzir uma breve descrição de quem foi Foucault e suas principais obras.

2.1 Os caminhos de Foucault

Foucault, reconhecido como um filósofo pós-crítico, se baseou, muitas vezes, em pensadores como Nietzsche, Marx e Freud. Nasceu na França, em Paris, em 15 de outubro de 1926 e faleceu em 25 de junho de 1984. Seus pensamentos, segundo estudiosos, como Veiga-Neto, Oswaldo Giacóia Junior, Edgardo Castro e Salma Tannus Muchail encontram-se em três grandes fases, chamados também de três domínios. Esses serão aqui, brevemente, designados com suas principais obras (LÔBO,2015).

Para Foucault, “a Filosofia deve ser vista como uma caixa de ferramentas: aí encontramos os instrumentos e os equipamentos necessários para resolver os problemas que são colocados pela realidade que vivemos” (GALLO, 2004, p.80). Além disso, Foucault possuía características da filosofia de Nietzsche e Deleuze, e negou, também, ser um problematizador estruturalista (GALLO, 2004).

Nem Deleuze, nem Lyotard, nem Guattari, nem eu nunca fazemos análise de estrutura, não somos absolutamente estruturalistas. Se me perguntassem o que faço e o que outros fazem melhor do que eu, diria que não fazemos pesquisa de estrutura. Faria um jogo de palavras e diria que fazemos pesquisas de dinastia. Diria, jogando com as palavras gregas *dynamis* *dynasteia* que procuramos fazer aparecer o que na história de nossa cultura permaneceu até agora escondido, mais oculto,

¹⁵ Dando prosseguimento aos aportes teóricos necessários da pesquisa.

mais profundamente investido; as relações de poder (FOUCAULT, 2005, p. 30).

Os caminhos e pensamentos de Foucault são divididos, de modo didático, em três fases, a primeira, epistemológica, pois se desenrolava no campo dos saberes, a segunda, fase política, uma vez que discutia as relações de poderes e a terceira é a fase da ética, que envolve a vida em si, como uma arte (GALLO, 2004).

As três fases também são chamadas, respectivamente, de três domínios, sendo eles, de acordo com Alfredo Veiga-Neto (2003): o ser saber, o ser poder e o ser consigo, então, seus domínios e épocas podem ser, didaticamente contempladas por: Primeiro domínio (1961 – 1969), com as principais obras em 1961 - História da loucura na idade clássica, 1963 - O nascimento da clínica, 1966 - As palavras e as coisas e em 1969 - A arqueologia do saber. O Segundo Domínio (1970- 1975), sendo as obras de destaque, em 1971 - A ordem do discurso e em 1975 - Vigiar e punir e por fim o terceiro domínio (1976-1984) e suas obras, 1976 - História da sexualidade 1: a vontade de saber, 1978 - Herculine Barbin/Diário de um hermafrodita, 1982 - A desordem das famílias, 1984 - História da sexualidade 2: o uso dos prazeres e em 1984 - História da sexualidade 3: o cuidado de si.

Não é tarefa fácil resumir, de modo simples, claro, preciso e rigoroso, o pensamento de um autor de textos densos e complexos, como Michel Foucault, nos quais ideias, categorias e métodos se elaboram, apresentam, transformam, aprofundam e enriquecem ao longo do tempo e da obra. A ausência de sistematização dos conceitos e das ideias que norteiam as análises, bem como os diferentes sentidos que certas categorias assumem em distintos escritos, tornam a tarefa similar à do detetive que, envolto em intrincadas e confusas pistas, procura ordenar, classificar, averiguar e compreender os fatos ocorridos. Diferentemente do detetive, porém, quem procura sistematizar o trabalho de um “filósofo edificante” não chega jamais à “verdade” dos fatos, mas sim a uma leitura, a uma possibilidade, entre outras, de exploração (MOREIRA, 2004, p.1).

De fato, os pensamentos de Foucault são provocantes, levam à estranheza e dinamizam aquilo que está naturalizado pelo tempo, pois, passamos a enxergar além do que está posto sob nossos olhos, deixamos a ingenuidade e, devemos sempre estudá-lo, pois, a cada leitura, desfrutaremos de um conhecimento novo.

Com a introdução do autor no contexto da pesquisa, prosseguiremos com o seu referencial teórico sobre o cuidado de si, ou *epimeleia heatoû*.

2.2 O Cuidado de si

Podemos retratar que o ato do cuidado na perspectiva helênica possui três eixos, inter-relacionados e indissociáveis, partindo do conhecimento de si, cuidado de si, e o cuidado com o outro. O cuidado de si, o *epiméleia heautoû*, ficou muito marcado, através de Sócrates que é considerado o homem, por excelência, do cuidado:

Ora, esse tema do cuidado de si, consagrado por Sócrates, que a filosofia ulterior retomou, e que ela acabou situando no centro dessa “arte da existência” que pretende ser. É esse o tema que extravasando de seu quadro de origem e se desligando de suas significações filosóficas primeiras, adquiriu progressivamente as dimensões e as formas de uma verdadeira “cultura de si” (FOUCAULT, 2002, p. 50).

O cuidado de si depende do conhecimento de si, ou seja, para que haja o cuidado de si, é necessário que se tenha, sobretudo, o conhecimento de si, sua apropriação, seu domínio, e, até mesmo, uma preocupação de si. Para Diógenes de Sínope, a preparação do *logos*, à vida, é necessário ocupar-se de si mesmo, conhecer e contemplar sua própria alma, para somente, assim, estar preparado para o cuidado de si. Outra concepção embasada em *Laques* (Platão) a busca do conhecimento em prol de si, era primordial, para somente, assim, haver o cuidado de si, assumir, desta maneira, sua posição de aceitação em prol de suas verdades, diante da própria vida (FOUCAULT, 2014).

O cuidado de si tem tomado, cada vez mais, maiores proporções, atingindo inúmeros campos de saberes e além de ser conceituado como o “ocupa de si mesmo”, tem adquirindo o conceito de “práticas e reflexões sobre o modo de viver”, dando origem a relações interindividuais às interpessoais (FOUCAULT, 2002, p.50).

Podemos salientar que o cuidado de si transpassa por quatro grandes períodos (ao menos) no decorrer da História Ocidental. O primeiro se caracteriza pelo período Socrático/Platônico; o segundo refere-se à cultura Helenística-Romana; o terceiro, à Cristandade e o quarto o da Modernidade, que serão abordados a seguir.

Na vertente *Socrática/Platônica*, o cuidado de si em certos momentos estava associado às concepções do conhecimento de si, ou seja, para que ocorresse o cuidado de si, devia, primeiramente, ocorrer o conhecimento de si. Conhecimento não de modo superficial, mas sim conhecimento de alma, de sua própria alma, para que, assim, houvesse um sentido diante da vida. Mesmo, porque, para Sócrates, de acordo com Grayling (2001, p.11): “A vida que não é examinada não vale a pena ser vivida”.

O “cuidado de si” na obra *O Banquete*, em especial, pelo diálogo entre Sócrates e Alcibíades, lê-se que Sócrates questiona Alcibíades, ao perguntar se seria simples o

homem conhecer a si mesmo? Alcibíades declarou que a resposta é flexível, talvez sim, ou, não. Sócrates responde que, sendo fácil ou não, somente há uma certeza, a de que não existe a possibilidade do cuidado de si, se não ocorrer, primeiramente, o conhecimento de si (SILVEIRA, 2014).

O grande problema é que conhecer-se a si mesmo envolve uma ruptura radical com a vida cotidiana, com convenções e hábitos, daí tornar-se estranho ao cotidiano (*Átopos*), mas isso não significava que se devia afastar da cidade, das leis e dos outros, muito pelo contrário (SILVEIRA, 2014, p.117).

Sócrates tinha, por missão, segundo Platão, incentivar os outros a cuidarem de si mesmos. Fato este que aconteceu com Alcibíades. Jovem, de uma família rica, que teve seu pai morto na guerra e acabou por ter um tutor chamado Péricles, um renomado democrático de Atenas. Com o passar do tempo, acabou por se deparar com Sócrates, que refletiu sobre o cuidado, em especial, o de si, e concluiu que esse deveria ter se iniciado na juventude, e não na idade avançada, na qual se encontrava (BOLSONI, 2012).

Sócrates teve a intenção de proporcionar uma reflexão acerca da busca do conhecimento do sujeito e do cuidado, ou seja, quem realmente seria este “si”, do cuidado de si? Sócrates também se preocupou em demonstrar a interdependência entre estes dois conceitos, seria alguém capaz de cuidar de si, sem, *a priori*, conhecer a si? (CARVALHO, 2015).

Sócrates: Então, diz-me: de que modo será possível descobrir a essência íntima do ser (*autò tò autó*)?

Com esse conhecimento, saberíamos o que somos, o que sem ele não nos será possível (PLATÃO, 1970, p.129).

O conhecimento de si, para Foucault (2004), não se refere ao do corpo, pois este é considerado superficial e faz-se relação com as poses do homem, mas ele envolve algo muito mais amplo e profundo, o conhecimento de alma e somente quando se atinge tal conhecimento têm-se o conhecimento de si.

Foucault, em seu terceiro domínio, chamado também de terceira fase, ou terceiro eixo, discorre sobre a ética, estética e, também, se refere às práticas do cuidado de si. Estas concepções começam a ser tratadas de modo singular na obra *A Hermenêutica do sujeito*, que emergiu a partir de um curso ministrado pelo próprio Foucault, no *College de France*, entre os anos de 1981 e 1982. Em função disso, o livro é subdividido por aulas ministradas, caracterizadas por primeira hora, segunda hora que ocorriam às quartas-feiras, para os ouvintes, pois para ele, não existiam alunos, mas sim, ouvintes. Nesta, Foucault defende que era indispensável compreender as questões do cuidado de si, desde

a época Greco-Romana; “Cuidar de si” se assemelhava com a preocupação de si, e se tratava de um conceito amplo, em um campo muito rico, sendo cada vez mais valorizado no decorrer do tempo (DECOTELLI, 2017).

Na *Hermenêutica do sujeito*, Foucault (2006, p.4) alude sobre a noção do cuidado de si:

Com este termo tento traduzir, bem ou mal, uma noção grega bastante complexa e rica, muito frequente também, e que perdurou longamente em toda a cultura grega: a de *Epiméleia heautoú*, que os latinos traduziram, com toda aquela insipidez, é claro, tantas vezes denunciada ou pelo menos apontada, por algo assim como *cura sui*. *Epiméleia heautoú* é o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, etc.

Além disso, o mesmo autor salienta a importância do elo estabelecido entre o cuidar de si e o conhecer a si, assim como Sócrates; considerava-se primordial o conhecimento de si, o *Gnôthi seautón* – “*Conhece-te a ti mesmo*” – para o cuidar de si.

O *Gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) [...], no quadro mais geral da *Epiméleia heautoú* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das consequências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo. E neste âmbito, como que no limite deste cuidado, que aparece e se formula a regra “conhece-te a ti mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 7).

Conhecer a si mesmo é partir em busca do conhecimento de suas próprias verdades, de se reconhecer no contexto inserido e descobrir suas afinidades. O cuidado de si é ir além do que os olhos possam ver em seu exterior, trata-se de enxergar e contemplar a sua alma (FOUCAULT, 2004).

O segundo período a ser discutido sobre o cuidado de si, é o *Romano-Helenístico*, que marcou a condição do cuidado de si, também chamado de “Período de Ouro” ou “Idade de Ouro”. É neste momento que o conceito do “cuidado de si” atinge seu ponto máximo de aplicação dentro da cultura romano-helenística, época marcada pela construção do próprio eu, sua auto constituição. Neste período, há uma mudança com relação à época anterior, a grega romana. Se antes acreditava-se que o cuidado somente era efetivo se realizado desde a juventude, nessa fase pensa-se que o cuidado de si não se enquadrava, somente, em uma etapa da vida, mas ela transpassa toda a condição humana, Salma Tannus Muchail (2011, p. 76) explica:

Cuidar-se não é privilégio, nem dever de alguns para o governo de outros, é imperativo para todos; [...]. Cuidar-se não se endereça a uma fase específica da vida, é tarefa para todo o tempo, e se há alguma etapa que melhor se destina é a maturidade, principalmente a velhice [...].

Cuidar-se não se circunscreve ao vínculo dual e amoroso entre mestre e discípulo, expande-se aos círculos de amizades [...], de parentesco, de profissão, quer em forma individualizadas (cartas, aconselhamentos, confidências), quer institucionalizadas e coletivas.

Com base nessa condição, na qual o cuidado de si deve ser realizado em toda etapa da vida, em especial na madura, emerge daí a conceituação da subjetividade que é proposta por Foucault, em que diante das estruturas de poder em que estamos inseridos, dentre de outras imposições, não podemos ignorar a existência da particularidade humana.

Nesse período, as condições do cuidar de si se relacionavam de uma maneira muito forte com a questão da espiritualidade, pois as pessoas acreditavam que era o modo de relacionar-se com o seu ser superior que refletia nas práticas de cuidado de si em seu corpo.

[...] o cuidado de si apresenta uma forma específica dessa relação na espiritualidade, que, nas doutrinas do helenismo é inseparável da filosofia. Na espiritualidade, a verdade só é dada ao sujeito a um preço que põe em jogo seu próprio ser; o que significa que não pode haver acesso à verdade sem uma transformação do sujeito realizada através de um trabalho espiritual efetivado em práticas e exercícios de si que, por sua vez, instauram uma forma ou estilo de vida [...] (TESTA, 2011, p 14).

Esse período em que o cuidado de si se expressa em autonomia, o *homo* deve, portanto, questionar suas prioridades, necessidades e enfatizar o seu bem-estar; é, então, de suma importância o cuidado de si, não o vendo como egoísmo e egocentrismo, mas sabendo que, somente na prática do cuidado de si, que tornava-se possível o cuidado com o outro. “Os fundamentos de sua ação é que constituem seu objetivo. Mas qual seria esse? [...] É ele próprio [...]. É cuidando de si que, necessariamente, cuidará dos outros” (FOUCAULT, 2006, p. 248).

O terceiro período se configurou com o *advento da cristandade*, com ele, o cuidado voltado para si foi visto como uma perspectiva individualista, de certo modo como egoísmo, o que difere do período anterior (PEIXOTO, 2010).

O cuidado de si nos primeiros textos cristãos. - O cuidado de si como atitude geral, relação consigo, conjunto de práticas. - Razões da desqualificação moderna do cuidado de si em proveito do conhecimento de si: a moral moderna; o momento cartesiano. - A exceção gnóstica. - Filosofia e espiritualidade (FOUCAULT, 2006, p. 3).

Temos aqui um embate muito forte entre a filosofia e a Cristandade problematizada por Foucault, nessa época o filósofo afirmava que havia um ascetismo

cristão do cuidado de si, mesmo assim, ele acreditava que em algum momento da Modernidade poderia (re)tomar a compreensão positiva do cuidado de si proveniente de Sócrates.

Temos, pois, o paradoxo de um preceito do cuidado de si que, para nós, mais significa egoísmo ou volta sobre si e que, durante tantos séculos, foi, ao contrário, um princípio positivo, princípio positivo matricial relativamente a morais extremamente rigorosas. Outro paradoxo que também é preciso evocar a fim de explicar a maneira como esta noção de cuidado de si de certo modo perdeu-se um pouco na sombra, está em que esta moral tão rigorosa, advinda do princípio "ocupa-te contigo mesmo", estas regras austeras foram por nós retomadas e efetivamente aparecerão ou reaparecerão, quer na moral cristã, quer na moral moderna não-cristã. Porém, em um clima inteiramente diferente. Estas regras austeras, cuja estrutura de código permaneceu idêntica, foram por nós reaclimatadas, transpostas, transferidas para o interior de um contexto que é o de uma ética geral do não-egoísmo, seja sob a forma cristã de uma obrigação de renunciar a si, seja sob a forma "moderna" de uma obrigação para com os outros - quer o outro, quer a coletividade, quer a classe, quer a pátria, etc. (FOUCAULT, 2006, p. 17).

Na era da Cristandade, as práticas de si eram superiores a quaisquer outras questões que envolviam o seu próximo, essa problematização que o autor traz, buscava refletir a construção do eu, o que estávamos fazendo de nós mesmos. Os gregos, na concepção de Foucault, buscavam técnicas para tornar a vida bela enquanto os cristãos se preocupavam em viver de tal modo em que a vida lhe desse um bom retorno:

O que eu quero mostrar é que o problema geral grego não era *techne* de si mesmo, era a *techne* da vida, a *techne tou biou* como viver. Fica bem claro, de Sócrates a Sêneca ou Plínio, por exemplo, que eles não se preocupavam com a vida após a morte, o que acontecia, ou se Deus existe ou não. Não era realmente um grande problema para eles, o problema era qual *techne* eu tenho que usar para viver tão bem quanto devo viver (FOUCAULT, 1984, p.48).

Com a Modernidade, surgiu o sujeito racionalista, o cartesianismo, essa corrente filosófica defendia que o ser humano não conseguia atingir a verdade somente através de seus sentidos, pois esses são, muitas vezes, errantes e subjetivos, tornando o pensamento cada vez mais individualista, tanto era sua interiorização e incertezas sobre si que atingiu o *Ego Cogito Ergo Sum*, penso logo sou, portanto, a única verdade era o "eu", pois o homem era incapaz de pensar se ele próprio não existisse e tal pensamento cartesiano influenciou as práticas que o *homo* adotou sobre si, e, também em relação aos outros (DESCARTES, 1983).

Desejava então dedicar-me unicamente à busca da verdade, julguei que era preciso fazer exatamente ao contrário, e rejeitar como absolutamente falso tudo aquilo em que podia imaginar a menor dúvida,

para ver se depois disso não restaria algo entre minhas convicções que fosse inteiramente indubitável. Assim, uma vez que nossos sentidos às vezes nos iludem, quis supor que não havia nenhuma coisa que fosse tal como eles nos fazem imaginá-la; e uma vez que há homens que se enganam ao raciocinar, mesmo no que diz respeito às mais simples matérias de geometria [...], julgando estar eu tanto quanto os outros sujeito a erro que tomara antes como demonstrações; e enfim, considerando que todos os pensamentos que temos quando despertos nos podem vir também quando dormimos, sem que nenhum deles seja então verdadeiro, resolvi fingir que todas as coisas que jamais me entraram no espírito não fossem mais verdadeiras que as ilusões dos meus sonhos. Mas imediatamente notei que, enquanto queria assim pensar que tudo fosse falso, era preciso necessariamente que eu que o pensava fosse alguma coisa; e notando que esta verdade, penso, logo sou, era tão firme e tão segura, que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não eram capazes de abalá-la, julguei que podia aceita-la sem escrúpulos como o primeiro princípio da filosofia [...] (DESCARTES, 2008, p, 36).

Partindo desse indivíduo cartesiano, podemos mencionar, agora, o sujeito como um ser que duvida das verdades, que foi também pesquisado por Foucault. Neste caso, não bastava somente enxergar a pessoa como um ser dono de suas verdades, para ele, a busca pela verdade é complexa e exige o conhecimento de um contexto histórico e, não, somente, de um recorte dele, existindo uma relação indissociável entre a subjetividade e a verdade, ambas produzidas pelo sujeito. O centro de suas obras, especialmente em seu último domínio, era justamente buscar discutir quais eram os efeitos que esse enlace repercutiria na formação dos discursos, das verdades; e, de acordo com Foucault, esse “fio condutor da articulação entre subjetividade e verdade é o cuidado de si” (CANDIOTTO, 2008, p.91).

Na obra “*Hermenêutica do Sujeito*”, Foucault (2006) aponta que seria necessário para o sujeito, que houvesse uma ligação do seu interior na busca pelas suas verdades mais plenas, o seu conhecimento pleno sobre suas perspectivas, vontades e valores, para que ocorresse o cuidado de si mesmo. Mas, desta maneira de vivenciar o cuidado de si, emergiriam de três grandes pontos, no âmbito cristão, segundo Bolsoni (2012):

Ascético-monástico: Elo entre o conhecimento de si, o saber e o conhecer da verdade de si e o cuidado de si;

Exegese de si: Seria caracterizada como a desmistificação da própria alma;

Renúncia de si: que surge partindo da abdicação do próprio eu, e, assim, a pessoa se vê em uma vida de condição acética.

O cuidado de si também foi marcado por outro importante período, o da Modernidade; e, um grande nome dessa época, é Emmanuel Mounier, um filósofo Francês que se dedicou em suas obras a discutir sobre o personalismo da pessoa humana. Essa necessidade emergiu da situação contextual na qual vivia, crise política, econômica, social, humana e, além disso, em uma época de guerras e conflitos. Em meio a tanta crise na sociedade, Mounier, acabou por perceber a individualidade de maneira extremamente forte, acabando por esquecer-se da ética e do cuidado para o outro, mesmo porque as pessoas estavam preocupadas consigo, e, não com o outro (SILVEIRA, 2017).

[...] Mounier foi tomado por uma profunda inquietação e inconformismo. Essa realidade o despertou para o engajamento político e acadêmico. Questionou o capitalismo, o espírito burguês, o coletivismo e o totalitarismo dos sistemas políticos de sua época, considerados responsáveis pela crise que banalizava a existência humana e naturalizava a violação dos direitos da pessoa [...] (SILVEIRA, 2017, p.15).

Baseando-se na condição da era individualista que perpetua até os dias de hoje, o cuidado do outro é deixado de lado e um falso si se prepondera. O que realmente falta(va), de acordo com a perspectiva de Mounier, era a alteridade, ou seja, a sensibilidade de ir além, de se colocar no lugar do outro, de estar na perspectiva do outro.

O personalismo de Mounier foi ao encontro do pensamento cristão, o que garante boas discussões bioéticas envolvendo o tema, uma vez que o personalismo “valoriza a razão e a fé e reconhece a dignidade da vida humana desde o início até à morte natural” (RAMPAZZO, 2014).

Para Mounier, refletir sobre o cuidado de si não é um exercício solitário e individualista, assim como para Foucault. Os dois, dentro do século XX, retomaram os gregos da Antiguidade, em especial a partir de Sócrates na construção do ser consigo e no ser com o outro, numa práxis contínua. Nesse mundo de variedades, não existem verdades absolutas, e em contato com tantas outras singularidades que sempre nos construímos e desconstruímos.

[...] é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade e não como apropriação simplificadora de outrem para fim de comunicação - é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 1984, p.13).

Após o marco teórico apresentado, podemos iniciar a análise discursiva à luz dos domínios foucaultianos no próximo tópico, que chamamos de “Ando devagar porque já

tive Pressa”, onde analisaremos os discursos progressivamente sob cada domínio foucaultiano.

3 “ANDO DEVAGAR PORQUE JÁ TIVE PRESSA”¹⁶...

Ando devagar porque já tive pressa [...]
Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si, carrega o dom de ser capaz, de ser feliz [...],
É preciso amor para poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir e é preciso a chuva
Para florir
Almir Sater e Renato Teixeira (1990).

Nesse tópico se concentra a análise discursiva filosófica do estudo, acompanharemos os pensamentos de Foucault iniciando pela fase do saber, em seguida pelo poder e atravessaremos, por fim, a fase ética do cuidado de si.

3.1 “Cada um de nós compõe a sua História”¹⁷...

Nesta primeira parte faremos uma Análise dos Discursos na Relação do Ser/Saber. Para Foucault, há uma distinção entre a conceituação do saber e do conhecimento, e, aqui, iniciamos nossa discussão. O conhecimento está ligado às condições em que há a construção dos discursos, estes, por “processos de racionalização, de identificação e de classificação dos objetos independentemente do sujeito que o apreende” (REVEL, p. 77, 2005). Enquanto o *Saber* é um processo, que ao contrário do *Conhecimento*, não é fixo, depende-se diretamente do sujeito que apreende, ou seja, “Sofre uma modificação durante o trabalho que ele efetua na atividade de conhecer” (REVEL, 2005, p.77).

Para Foucault, o saber é:

[...] Conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma ciência, prática discursiva e indispensável à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem, necessariamente, a lhe dar lugar, pode-se chamar *saber*. Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico [...] um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso [...] saber é, também, o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos se aparecem, se definem, se aplicam e se transformam [...] um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (FOUCAULT, 1995, p. 206-207).

¹⁶ Devagar, progressivamente e sem pressa serão analisados os discursos nas três fases do pensamento de Foucault.

¹⁷ Os saberes são compostos pela episteme, cada qual de modo singular e o ser humano ser subjetivo, cada um compõe a sua história.

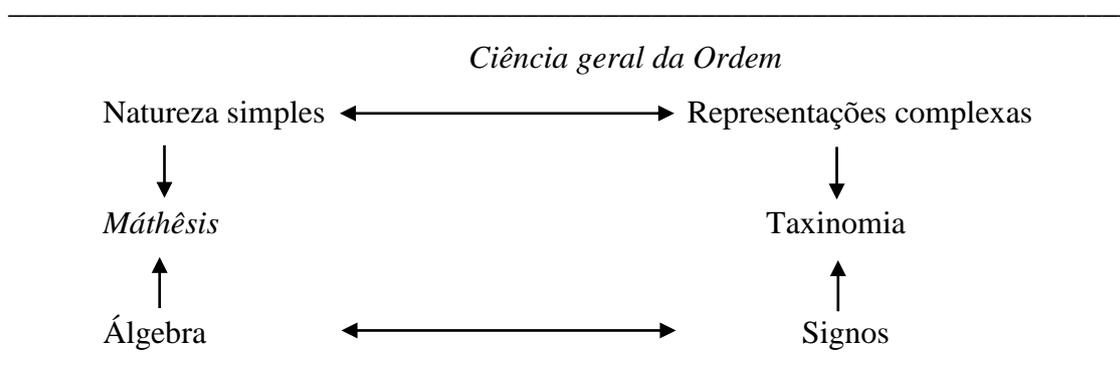
Devido a isso, chamaremos de relações de saberes e não de relações de conhecimentos, pois o conhecer é um processo fixo independente de quem apreende, já o saber é um processo mutável, que se constrói na subjetividade daquele que se apreende. E, por citar subjetividade, cabe aqui, também, conceituá-la sobre a perspectiva de Foucault, chamada, também, de processo de subjetivação, trata do modo em que o sujeito, ou seja, a pessoa se constrói através de experiências e respectivos saberes (REVEL, 2005). Saber, portanto, é buscar identificar, desconstruir os conhecimentos por detrás dos discursos dos sujeitos.

Mas, para que ocorra uma adequada análise é necessário compreender a “*Episteme*” em que os discursos foram formados, ou seja, ainda segundo o pensamento de Foucault, o meio e o conjunto de relações em que se emergem os discursos, como o cenário político atual ou as condições de criação e cultura, por exemplo.

A episteme define o campo de análise da arqueologia, mas ela, por si, não se basta, Foucault considerou outras vertentes no campo arqueológico, indo de uma posição monolítica de *Les mots et les choses* para uma mais ampla *L’Archéologie du saviour*, que compreendia a ética, a política, a sexualidade, a imagem, dentre outros aspectos (CASTRO, 2009).

É importante pontuar que, para Foucault, a *Episteme* era de um dado momento histórico e cultural, ou seja, era pontual e quando nos referirmos à moderna (*Episteme*), podemos afirmar que ela se emerge, dando origem às mais diversas ciências¹⁸, que formam o mundo (GALLO, 2004), em síntese a Figura 1 (Ciência Geral da Ordem) abaixo que expressa tal ideia:

Figura 2- Ciência Geral da Ordem



Fonte: FOUCAULT, 1984, p.87

¹⁸ Baseada na *Máthesis* – Álgebra, e na *Taxonomia*- Signos (GALLO, 2004, p. 82).

[...] numa cultura e num dado momento não há mais do que uma episteme, que define as condições de possibilidade de todo saber. Tanto aquele que se manifesta numa teoria, quanto aquele que é silenciosamente investido numa prática (FOUCAULT, 1984, p. 85).

Partindo disso, daremos início a análise discursiva filosófica dos enunciados, estes que foram obtidos na coleta de dados realizada na instituição em que os sujeitos lecionam, no mês de abril de 2018, teve-se o zelo de previamente marcar horário e data segundo a disponibilidade destes.

Com isso, iniciamos nossa análise com um trecho das palavras do sujeito participante Florence Nightingale sobre o que ela considerava que o aluno deveria ser:

“[...] o outro tinha que ser ¹⁹competente, o outro tinha que ser habilidoso, o outro tinha que ser pró-ativo e eu não via que cada um tinha dificuldades e limites diferentes, então eu tratava todo mundo igual e ao tratar todo mundo da mesma forma eu estava sendo injusta porque eu não enxergava dentro da docência essa disparidade, essa diferença entre eles [...]”.

Os discursos de verdade que Florence salienta, ao repetir a mesma sentença no início das orações, o “outro tinha que ser”, mesmo que inconsciente Florence acabava por ignorar todos os processos socioculturais que contribuía para a construção da episteme humana, a episteme que se forma através dos processos de si para consigo e de si para com o outro.

A análise das formações discursivas, das positivities e do saber, em suas relações com as figuras epistemológicas e as ciências, é o que se chamou, para distingui-las das outras formas possíveis de história das ciências, a análise da episteme. [...] A descrição da episteme apresenta, portanto, diversos caracteres essenciais: abre um campo inesgotável e não pode nunca ser fechada; não tem por finalidade reconstituir o sistema de postulados a que obedecem todos os conhecimentos de uma época, mas, sim, percorrer um campo indefinido de relações (FOUCAULT, 1995 p. 230).

Embora Foucault considerasse importante a questão da episteme, ele também discutia a arqueologia, ou seja, aquilo que formava e constituía a própria episteme, e, assim, os discursos de verdade, Foucault sempre quis ir além e escavar essas verdades que davam vida aos discursos.

¹⁹ Todo texto durante o estudo será transcrito literalmente, com a finalidade de sempre que possível, não perder o sentido da linguística e da episteme.

[...] não quer fazer nem epistemologia e nem história da ciência, mas arqueologia. Para tanto ele não se preocupa com a ciência propriamente dita, mas com o saber a partir do qual a ciência se produz como um dos discursos possíveis. Ou seja, o objetivo de Foucault é apreender o lugar onde se cruzam uma série de estruturas capazes de sustentar uma leitura do real; leitura esta que pode se configurar também no saber científico [...] (GOMES, 1991, p. 7).

Expressando a complexidade em que se constitui um discurso, através das epistemes de um determinado tempo, podemos afirmar que os sujeitos se diferem por elas, pelo ambiente em que as constitui, dessa forma, podemos compreender que esses discursos, que visam buscar igualdade entre todos os alunos, indicava que Florence possuía, de alguma forma, uma cobrança de si para si, ou mesmo, de uma relação de poder, de outros para si. Ela deixa evidente que estabelecia um padrão de excelência de saberes dentre o corpo discente e quem não se encaixasse a ele, não era o suficiente e, somente após algum acontecimento, Florence passou a compreender a subjetividade dos alunos, tomando suas palavras, passou a ver “diferença entre eles”.

Esse acontecimento ficou marcado pelas falas:

“[...] essa experiência que tive foi quando sofri um acidente aqui na subida da escola, um caminhão tombou com frutas no meu carro, deu perda total, o policial até me falou – “Olha, agradeça a Deus, pois você é um milagre”, isso mudou tudo em mim, o modo com que eu me tratava e tratava o outro [...]”.

“[...] a [Florence] de hoje, não é a mesma de 10 anos atrás ou 20 anos, pois eu tenho 26 anos de docência, sou totalmente diferente. Hoje eu olho o meu aluno, meu acadêmico de uma forma, totalmente diferenciada, mais humana, mais humana e antes não [...]”.

Nós entramos em contato com o mundo, com os seres vivos e não vivos, através das sensibilidades, nossos sentidos, o paladar, a audição, o tato, a visão e o olfato, além das nossas deduções, dentre outros, essas nossas percepções são singulares, ou seja, cada indivíduo ao entrar em contato com o outro, ou com um objeto, terão percepções distintas, temos, então, a origem das subjetividades e singularidades de enfrentamentos e isso nos diferem, por isso, é impossível que se alcance uma verdade absoluta em um consenso geral, com as coisas e com as pessoas, não se pode almejar um “ideal” que abarque todo ser humano, e, é justamente isso que notamos no discurso acima, diante da fala

supracitada, notamos a diferença de postura em que Florence foi adotando no transcorrer de sua jornada como docente, a construção de suas subjetividades e o efeito delas na prática, o quanto ela foi se des(re)construindo, saindo de uma postura de uma docente magistrocêntrica, para outra concepção: a de uma docente com postura humanizadora no processo de educação.

Houve mudanças na concepção de Florence com o tempo, fatores contribuíram para tal acontecimento, toda modificação ocorreu nas relações entre sujeitos e de si para si, situados em determinado contexto. Outro fator relevante é o tempo de docência em que Florence atua, pois em 26 anos de docência com as transformações de saberes e aprendizados, o docente também é fruto de seu contexto ideológico:

Estudar o funcionamento ideológico de uma ciência para fazê-lo aparecer e para modificá-lo não é revelar os pressupostos filosóficos que podem habitá-lo; não é retornar aos fundamentos que a tornaram possível e que a legitimam: é colocá-la novamente em questão como formação discursiva; é estudar não as contradições formais de suas proposições, mas o sistema de formação de seus objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas teóricas. É retomá-la como prática entre outras práticas (FOUCAULT, 1995, p.224).

Anna Nery, também, em relação aos saberes, relata que:

“[...] *a gente tem que ser luz para esse aluno, porque aluno a própria palavra já diz: aluno é sem luz* [...]”.

O termo aluno é proveniente do latim *alumnus* que significa afilhado e é o “particípio subjetivado do verbo latino *alere*, que quer dizer, alimentar ou nutrir”, como confirma abaixo:

A palavra aluno, etimologicamente, não significa sem luz, como sugerem algumas interpretações que conferem ao prefixo “a” o sentido de negação. O vocábulo aluno proveio do latim *alumnus*, antigo particípio médio-passivo substantivado do verbo *alere* “alimentar, nutrir”. No sentido semântico, a palavra “aluno” conota aquele que precisa de alimento para nutrir-se e crescer (ALMEIDA, 2010, p.28).

Definido o termo aluno é interessante compreender também o termo estudante. Estudante, baseando-se no Dicionário Aurélio (2014), provém do latim *studiosus*, que significa uma pessoa que estuda, que observa, planeja e procura conhecer-se.

Dessa forma, independe evocar os termos “aluno” ou “estudante”, o importante é conhecer as bases e origens dessas palavras, e, assim, compreender o papel do professor nessa jornada, ora, se o aluno precisa ser alimentado ou nutrido, cabe ao professor auxiliar

e cuidar da jornada acadêmica, ou quando nos referirmos aos estudantes, o professor também é responsável pelo auxílio ao vínculo amoroso para com o aprendiz.

Ainda de acordo com o Dicionário Aurélio (2014) no tocante ao conceito de professor, do latim *professore* sendo aquele que ensina uma arte, já o mestre do latim *magister* é aquele professor de grande saber, um artista de grande mérito.

Um aluno, estudante está em constante desenvolvimento, em processos de construções de contínuos saberes, mas não é somente o aluno/estudante em si que está em processos de aprendizados, o docente, professor e mestre, se inclui nessa condição de descobrimentos diários, como toda e qualquer pessoa, por isso, Foucault (1987, p.20) na Obra “*Arqueologia do Saber*”, transcreve:

[...] o labirinto onde me aventurar, deslocar meu propósito, abrir-lhe subterrâneos, enterrá-lo longe dele mesmo, encontrar-lhe desvios que resumem e deformam seu percurso, onde me perder e aparecer, finalmente, diante de olhos que eu não terei mais que encontrar? Vários, como eu, sem dúvida, escrevem para não ter mais rosto. **Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo:** é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis [...].

Se retermos o fragmento de Florence e Anna Nery notamos que ambas afirmam que o professor tem o conhecimento necessário e adequado para auxiliar a aprendizagem do aluno e as duas adotam uma postura humanizadora no processo de educação, ao confirmarem que o modo de educar influencia no âmbito profissional e pessoal, para reforçarmos baseamo-nos no discurso de Anna Nery:

“[...] e **aquele professor**, isso é fato, que **está próximo do aluno**, o aluno se sente melhor, **aprende os conhecimentos melhor**, tornam-se pessoas melhores [...]”.

“[...] acredito que na **afetividade** eles aprendem melhor, mesmo que eles não gostem da disciplina que eu leciono, mas, **a afetividade está ligada ao aprendizado**, eu aprendo aquilo que eu gosto [...]”.

O homem, nesse aspecto, se difere dos demais animais, enquanto os animais já possuem em sua natureza o impulso e a força para se adequarem ao ambiente em que vivem, eles não precisam de cuidados, no máximo, de nutrição. O ser humano ao contrário dos animais, é um ser frágil, constantemente, precisa de cuidado, de disciplina e de educação para sua sobrevivência, por isso, uma geração, instintivamente educa a outra e

os saberes são transferidos de um para o outro, temos aqui, a importância de uma boa relação do professor para com o aluno.

O homem tem necessidade de cuidados e de formação. A formação compreende a disciplina e a instrução. Nenhum animal, pelo que sabemos, necessita desta última, uma vez que nenhum deles aprende com seus ascendentes qualquer coisa, a não ser aqueles pássaros que aprendem a cantar. De fato, os pássaros são treinados no canto por seus genitores; e, é admirável ver, como se fosse numa escola, os pais cantarem com todas as forças diante dos filhotes, enquanto estes se esforçam por tirar os mesmos sons das suas pequenas goelas. Para convencer-se de que os pássaros não cantam por instinto, mas que aprendem a cantar, vale a pena fazer a prova: tire dos canários a metade dos ovos e os substitua por ovos de pardais; ou, também, misture aos canarinhos filhotes de pardais bem novinhos. Coloque-os num cômodo onde não possam escutar os pardais de fora; eles aprenderão dos canários o canto, e, assim, teremos pardais cantantes. É estupendo o fato de que toda espécie de pássaros conserva em todas as gerações um canto principal; assim, a tradição do canto é a mais fiel do mundo. O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz. Note-se que ele só pode receber tal educação de outros homens, os quais a receberam igualmente de outros. Portanto, a falta de disciplina e de instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos (KANT, 2002, p. 3-4).

Vale pontuar a importância da educação para com o ser humano, mas é de relevância o professor adotar uma postura no processo de educação, para que afete²⁰ o aluno e não que o venha reprimir em seu desenvolvimento, frente às habilidades singulares, portanto a palavra chave é o equilíbrio, porque em uma sala de aula a relação de poder e saber são constantes “[...] O poder produz saber [...], não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder [...]” (FOUCAULT, p.30,2011).

Os alunos vêm o além de um professor, aquele que ultrapassa conhecimentos e técnicas e saberes, eles (os alunos) possuem expectativa quanto à postura do docente inclusive fora do horário de aula, sua dedicação, sua compreensão, atitudes éticas e respeitadas, que acabam por influenciar no interesse do aluno pela disciplina, facilitando seu aprendizado. Durante o meu estágio de mestrado (setembro de 2018), o professor Carlos Roberto da Silveira em uma de suas aulas na Pedagogia (Filosofia da Educação), citou uma passagem: “Pierre Hadot fez uso da obra do estóico romano Musônio, ao

²⁰ *Afetum*

declarar que os jovens teriam maior proveito, se não frequentassem um mestre da filosofia na escola, na cidade. Estes deveriam ir vê-lo trabalhar a filosofia no campo, assim, veriam este se esforçando para cumprir o que professa”.

Esses enlaces interpessoais e influências recebidas não deixam de ser relações de poder/saber, mesmo porque, para Foucault, não é, necessariamente, o poder algo ruim, ele também gera saber, dessa maneira acaso o poder, “[...] apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos [...] a nível do saber” (FOUCAULT, 1987, p.148)

Ninguém será o mesmo amanhã, quando comparado ao dia de hoje, ainda menos no campo educacional. Então, esta maneira de cuidar do outro, ensinada nas salas de aula, na extensão da vida cotidiana, nada mais é do que uma troca de saberes e estreitamento de aprendizagem e, onde o docente não pode se colocar em uma posição de soberania. Esse é um facilitador do aprendizado e, parafraseando as palavras de Anna Nery, o responsável por “estretar a ponte”, sempre considerando que o aluno, para ser bem nutrido e fortificar-se, precisa de cuidado, cuidado profissional e ético, jamais esquecendo de que a educação é uma maneira de cuidar do outro.

O próximo tópico trata-se da sequência da análise filosóficas dos discursos, baseado no segundo domínio em Foucault, entrelaçando as questões do poder e do saber com os discursos dos docentes enfermeiros.

3.2 “É preciso a chuva para florir”²¹...

Neste tópico, o foco da análise discursiva filosófica se concentrará nas relações de poder, embora, em alguns momentos, articular-se-á com o saber, ou seja, poder/saber, pois, mesmo podendo ser trabalhadas distintamente, para Foucault, poder é saber: “O poder produz saber [...], não há relação de poder, sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua, ao mesmo tempo, relações de poder” (FOUCAULT, 1987, p.30).

Assim iniciaremos com alguns conceitos, que envolvem as relações de poderes, propostos por Foucault para assim adentrarmos a análise nesse eixo.

Foucault, ao invés da utilização do conceito de *poder*, sempre opta pelas *relações de poder*, estas “Supõem condições históricas de emergência complexas e que implicam

²¹ A chuva se associa ao poder, ambas necessárias. Assim como o poder para Foucault não é obrigatoriamente algo ruim, a chuva ser boa ou não é questão de perspectiva e de posição, por isso é preciso de chuva para florir.

efeitos múltiplos, compreendidos fora do que a análise filosófica identifica tradicionalmente como o campo do poder” (REVEL, 2005).

O poder se configura em uma teia de relações, ou seja, ele não se basta nos íngremes topos, nas mãos de alguns, pelo contrário, a sociedade em si é uma constante relação de poder e não está sob a detenção contínua de uma única pessoa, mesmo porque, o poder não é algo que se possua, mas, sim, que se exerça, em determinados momentos e situações, há sempre uma variação dentre o dominante e o dominador (FOUCAULT, 2005).

Condizente com essa situação, transcrevamos o discurso de Florence para discussões:

“[...] embora eu venha de uma faculdade bem rígida, que eu sinto que é bem rígida quando estudei, eu tenho o meu lado pessoal, pois meu pai era militar, então juntou a faculdade rígida com a minha criação militar, imagina como é que eu não era como professora? [...]”.

O sujeito²² em questão é proveniente de uma instituição que tinha suas raízes rígidas, isso porque ela era dirigida totalmente por uma instituição religiosa, ou seja, a presença das irmãs de caridade nas dependências escolares traz consigo uma bagagem histórico/cultural forte no que se refere à caridade e castidade.

Em geral, as escolas de enfermagem se consolidaram na concepção de caridade que a igreja realizava, principalmente através das irmãs de caridade, que dedicam até hoje, sua vida em prol do cuidado com o outro e, isso serviu de bases históricas para a visão que temos da enfermagem, nos dias de hoje.

O cuidado dos enfermos foi uma das muitas formas de caridade adotadas pela igreja e que se conjuga a história da enfermagem, principalmente após o advento do cristianismo. Os ensinamentos de amor e fraternidade transformaram, não somente a sociedade, mas também, o desenvolvimento da enfermagem, marcando, ideologicamente, a prática de cuidar do outro e modelando comportamentos que atendessem a esses ensinamentos (PADILHA; MANCIA, 2005, p. 723).

Na instituição em que me graduei, foi inaugurada na década de 1950 e como a maioria das instituições dessa ciência, também emergiu através da idealização da igreja,

²² Florence se graduou na instituição de estudo, na década de 90 e possui quase três décadas de docência na enfermagem.

neste caso, foi através de três irmãs de caridade, denominadas a Ir. Celeste Silveira, a Ir. Stella Carvalhal e a Ir. Zenaide Nogueira.

A princípio, a primeira turma com cinco graduadas formou-se nas dependências da Santa Casa de Itajubá e foi confiada a direção, tanto técnica quanto pedagógica, à Congregação das Irmãs da Providência de Gap e a propriedade da instituição foi transferida para a Congregação (FACULDADE WENCESLAU BRAZ, 2018).

Como a Santa Casa nunca pode arcar com as despesas da Escola e a Congregação das Irmãs da Providência de Gap, tendo já adiantado grandes somas para a construção do prédio próprio, veio a proposta do Dr. Carlos Victor Rennó Ribeiro, membro do Corpo Clínico da Santa Casa e Professor da Escola de Enfermagem: fosse transferida para a Congregação das Irmãs da Providência de Gap a propriedade da Escola. Assim, pelo Decreto de nº 46.584, de 13 de agosto de 1959 ficou reconhecida a nova mantenedora: ***Sociedade Religiosa, Moral e Científica***, hoje Associação de Educação, Saúde e Cultura (FACULDADE WENCESLAU BRAZ, 2018, p. 1).

O gênero feminino e a caridade são fatores marcantes na enfermagem. O COFEN, no ano de 2015, realizou um levantamento do perfil da enfermagem Brasileira, e através desse estudo identificou o alto percentual de mulheres que a compõem - 84,6%. A figura da mulher é forte pois ela está associada a uma figura matriarcal, aquela que possui a natureza para o cuidado de todos que a rodeiam, entretanto é válido salientar que essas mulheres passam por uma dupla ou mesmo tripla jornada de trabalho, que se não se limita ao ambiente laboral, cabendo aqui um olhar mais cauteloso para com elas.

A caridade, pois, a profissão se fundamenta nos cuidados prestados pela igreja, em especial pelas irmãs, e suas raízes também trazem consigo a estreita relação do processo de adoecimento como uma forma de castigo proveniente dos deuses (DONOSO, 2000), por muito tempo a doença foi vista como “ocorrência sobrenatural, tal como os ventos, as tempestades ou as manifestações de deuses malévolos” (HEGENBERG, 1998, p.18).

O tema caridade na enfermagem, é encontrado no discurso de Anna Nery:

“[...] ajudando quem precisa sempre, mesmo porque só alcançamos os reinos dos céus pela caridade e é caridade mesmo, ver a necessidade do outro, o que ele tem de mais urgente e suprir [...]”.

Portanto, fica evidente o quanto a caridade está vinculada à enfermagem, esta que se consolidou com as igrejas, através dos atos de solidariedades, que por ela eram prestados, principalmente, pelas irmãs. Além das instituições serem regidas pelas irmãs de caridade, o que justifica o caráter rígido de educação em enfermagem, a primeira instituição escolar em enfermagem, fundada pela pioneira de enfermagem, Florence Nightingale²³ tinha algumas condições para o ingresso na profissão:

Na seleção das candidatas, *as qualidades morais tinham prioridade durante o curso e a disciplina era rigorosa*. O rigor da escola justificava-se, considerando o que era corrente na época [...] o modelo preconizado deveria ser [...] o mais próximo possível do que realizavam as associações religiosas [...] (PADILHA; MANCIA, 2005, p.726).

Foucault sempre buscou diagnosticar as instituições, inclusive com as escolas, e acreditava que ela exercia uma relação de poder disciplinar e de instituição disciplinar, em si mesmo, e essas relações não se limitam ao espaço escolar, mas, se estende a toda sociedade (BATISTA; BACCON; GABRIEL, 2015). O poder disciplinar na perspectiva foucaultiana era um modo de dominação da verdade:

Em nossas sociedades [...] a "verdade" é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas "ideológicas") (FOUCAULT, 2005, p.12).

Além das condições dos poderes das instituições de enfermagem, havia também, relações externas que contribuíam para as ações de Florence, enquanto docente, retornemos ao fragmento do discurso de Florence, quando diz:

“[...] *eu tenho o meu lado pessoal que meu pai era militar* [...]”.

Não bastava a condição interna de apropriação discursiva, havia também a externa que colaborava para a construção de Florence como pessoa, como enfermeira e como docente de enfermagem. Um militar tem seu corpo disciplinado, como se estivesse em

²³ Neste caso não se refere ao sujeito da pesquisa e sim à pioneira mundial da enfermagem.

uma fábrica, eles são conduzidos para uma prática repetitiva, mecanizada, são moldados e refletem no outro e na sociedade, a postura hierárquica e rígida:

[...] manter a cabeça ereta e alta; a se manter direito sem curvar as costas, a fazer avançar o ventre, a salientar o peito; a encolher o dorso; e a fim de que se habituem, essa posição lhes será dada apoiando contra os muros, de maneira que os calcanhares, a batata da perna, os ombros e a cintura encostem nele, assim como as costas das mãos, virando os braços para fora, sem afastá-los do corpo... ser lhes a igualmente ensinado a nunca fixar os olhos sobre a terra, mas a olhar com ousadia aqueles que diante de quem eles passam... a ficar imóveis esperando o comando, sem mexer a cabeça as mãos, os pés... enfim, a marchar com o passo firme, com o joelho e a perna esticada [...] (FOUCAULT, 1999, p. 117).

Os pais exercem poder sobre os filhos, são relações regidas de e pelo poder, como teias e emaranhados, se invertem a cada momento, o opressor passa a ser o oprimido e vice-versa de modo constante, com isso o poder não se limita aqueles que ocupam as posições superiores na sociedade, mas se faz presente em tudo, Foucault costumava chamar essa condição de microfísica do poder (FOUCAULT, 2005), também é nítido a sistematização de regras e condutas dentro de uma academia militar, e os que estão a serviço das forças armadas adotam o discurso institucional para o extra- institucional, ou seja, adotam posturas militares na sociedade e o pai de Florence, como militar, influenciou, também, diretamente, em sua conduta e postura rígidas, como ela mesma discursou. Citamos aqui que,

[...] Microfísica do poder significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, na medida em que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção a suas formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo - gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos (FOUCAULT, 2005, p.12).

Para Descartes, as relações que temos desde que nascemos, acabam nos construindo e essas concepções impostas nos guiam, talvez fosse diferente, se pudéssemos controlar nossa razão, o quanto antes:

Assim ainda pensei que uma vez que todos nós fomos crianças antes de sermos homens e durante muito tempo tivemos de sermos governados por nossos apetites e preceptores, não raro contrários uns aos outros, e que talvez nem uns nem outros nos aconselhassem sempre o melhor, é quase impossível que nossos juízos sejam, tão puros ou tão sólidos quanto teriam sido se tivéssemos tido o uso completo da nossa razão desde o nascimento e jamais tivéssemos sido conduzidos senão por ela (DESCARTES, 2008, p. 22).

Portanto, Florence tinha tanto aspectos internos da própria escola, como externo, o poder exercido pelo seu pai, e, isso justifica suas ações enquanto docente, quando ela mesma deixa subentendido seu exercício de poder dentro da sala de aula:

*“[...] Juntou a faculdade rígida com a minha criação militar, **imagina como é que eu não era como professora** [...]?”*

O poder para Foucault não se concentrava verticalmente, mas, sim, em quaisquer relações dentro de uma sociedade, ele se constitui nas interações humanas:

Quando se fala de poder, as pessoas pensam imediatamente em uma estrutura política, um governo, uma classe social dominante, no senhor diante do escravo, etc. Não é absolutamente o que penso quando falo das relações de poder. Quero dizer que, nas relações humanas, quaisquer que sejam elas - quer se trate de comunicar verbalmente, como o fazemos agora, ou se trate de relações amorosas, institucionais ou econômicas -, o poder está sempre presente: quero dizer, a relação em que cada um procura dirigir a conduta do outro. São, portanto, relações que se podem encontrar em diversos níveis, sob diferentes formas; estas relações de poder são relações móveis, ou seja, podem se modificar, não são dadas de uma vez por todas (FOUCAULT, 2014, p. 270).

Florence também evidencia que foi tão somente através de um processo que ocorreu a desconstrução de posturas em sala de aula, com isso, passou a ter novos olhares para com o outro. Ela admitiu fortes posturas de poderes disciplinares que exerceu durante muito tempo, não que tenha abandonado a condição de poder, mas, é importante acentuar que Florence passou a enxergar o outro em suas esferas composicionais, como diz o referido discurso:

*“[...] **somente a partir de minha experiência e das minhas quedas e levantadas que eu mudei minha maneira de enxergar o outro, o outro nesse caso, o aluno. Então, hoje, eu enxergo o aluno na parte social dele, a econômica, porque antes, eu não me importava com isso, antes “olha eu quero o xerox”, eu não sabia se ele tinha ou não condições, eu não via, eu não enxergava o outro com seus problemas pessoais, não dava a abertura pro outro chegar e dizer – “Hoje não estou bem” – mas, hoje não, hoje, embora, eu nunca tenha trabalhado essa questão de me enxergar, eu vejo quanta coisa errada eu fiz para trás, muita coisa errada** [...]”*

Vemos aqui uma confissão de vida de Florence, a medida em que ela fala do outro refere a si e é claro a construção de sua subjetividade que partindo de suas experiências de (re)transforma e (re)significa.

Cabe aqui mencionar sobre o modelo de produção industrial, com ele nasceu o liberalismo e cresceu a imposição de deveres dentro de instituições na sociedade. Atualmente, o ser humano precisa ser, ter, e, sempre, conhecer mais, a exigência é tamanha que acabam desprezando a condição histórica e cultural de cada sujeito, nesse caso, quando Florence cita que não se importava com as condições que o aluno chegava para aula, e, sim, com seu desenvolvimento e bom desempenho, sob tal condição, a docente exercia o *controle social* desses corpos. Foucault compreendia que o “controle social passa, não, somente, pela justiça, mas, por uma série de outros poderes laterais (as instituições psicológicas, psiquiátricas, criminológicas, médicas, pedagógicas [...])” (REVEL, 2005, p. 29).

Na medida em que se tem conhecimento sobre determinada coisa e/ou assunto, o poder cresce de modo proporcional, mesmo que inconsciente, Anna Nery relata sobre esse assunto, quanto aos docentes:

“[...] *a gente, têm uma certa experiência, uma certa bagagem de conhecimento, de estudo, porque professor estuda muito, ele estuda todos os dias. Eu então acredito que essa gama de conhecimento que a gente tem que facilitar o aluno, não só como aluno, com o aprendizado e o conhecimento, mas também como gente e ser humano [...]*”.

É interessante citarmos a “Alegoria da Caverna” de Platão, situada no VII livro da República, pois, Anna Nery retrata, justamente, busca pelo conhecimento, na medida em que se tem a quebra das algemas, dos poderes impostos. O filósofo Sócrates tem um diálogo com Glauco²⁴. Sócrates se vê como um ignorante e indaga (PLATÃO, 2011, p. 296-298):

Sócrates: Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentadas, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construída um pequeno muro, semelhante às divisórias que os

²⁴ Glauco, irmão de Platão, governante da cidade construída na argumentação de Sócrates e seus interlocutores (FILHO, 2013, p.1).

apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas.

Glauco — Estou vendo.

Sócrates — Imagina agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, que o transportam: estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e outros seguem em silêncio.

Glauco — Um quadro estranho e estranhos prisioneiros.

Sócrates — Assemelham-se a nós. E, para começar, achas que, numa tal condição, eles tenham alguma vez visto, de si mesmos e dos seus companheiros, mais da que as sombras projetadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica defronte?

Glauco — Como, se são obrigados a ficar de cabeça imóvel durante toda a vida?

Sócrates — E com as coisas que desfilam? Não se passa o mesmo?

Glauco — Sem dúvida.

Sócrates — Portanto, se pudessem se comunicar uns com os outros, não achas que tomariam por objetos reais as sombras que veriam?

Glauco — E bem possível.

Sócrates — E se a parede do fundo da prisão provocasse eco, sempre que um dos transportadores falasse, não julgariam ouvir a sombra que passasse diante deles?

Glauco — Sim, por Zeus!

Sócrates — Dessa forma, tais homens não atribuirão realidade senão às sombras dos objetos fabricados.

Glauco — Assim terá de ser.

Sócrates — Considera agora o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curadas da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras. Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer que não viu até então senão fantasmas, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com mais justeza? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas que passam, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçada e que as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras do que as objetos que lhe mostram agora?

Diante da alegoria, podemos correlacionar à função do filósofo, àquele que se desamarra, sai do mundo das sombras e vai de encontro ao mundo real platônico, como a do professor. O docente tem a responsabilidade de conduzir o aluno para descobrir o mundo, os saberes; e impulsionar o discente à saída da zona de conforto, para a busca suas próprias verdades, ao invés da apreensão dos ecos de verdade, que lhe são impostos.

No próximo eixo ocorreu a análise filosófica dos discursos dos docentes enfermeiros, com base teórica na terceira fase de estudo do filósofo Michel Foucault, que

proporciona subsídios para a discussão sobre o conhecimento de si, cuidado de si e o cuidado do outro.

3.3 “Carrega[mos] o dom de ser[mos] capaz[es], de ser[mos] feliz[es]”²⁵...

Podemos considerar esse eixo como sendo o centro dessa dissertação, nele transcorreu-se uma análise discursiva entre os pensamentos de Foucault e os discursos dos sujeitos da pesquisa, que envolvem o conhecimento de si, o cuidado de si e o cuidado com o outro, no âmbito educacional com os docentes enfermeiros. O desafio aqui proposto foi percorrer os domínios de Foucault na relação do sujeito com o saber, do sujeito com o poder, e agora, do sujeito consigo, demonstrando a necessidade do sujeito como foco de quaisquer estudos, nesse não seria diferente.

Comecemos, portanto, com a problematização do sujeito consigo, como Foucault o fez na obra da *Hermenêutica do Sujeito*:

A *Hermenêutica do Sujeito* se funda na ideia de que há em nós algo oculto e que vivemos sempre na ilusão de nós mesmos, uma ilusão que mascara o segredo. Daí a exigência contínua, para decifrar-se a si mesmo e ao seu desejo (CASTRO, 2009, p. 203).

Baseando-nos nessa afirmação, começemos a análise, embora seja impossível despojar-se de nosso *eu*, buscaremos conversar com os discursos obtidos pelos sujeitos voluntários para essa pesquisa.

O cuidado de si, *epiméleia heautoû*, para Foucault se constrói, partindo do conceito de conhecimento de si, dessa maneira, a problematização do sujeito para Foucault, transpassou o campo arqueológico (dos saberes) e genealógico (dos poderes), e abrangeu uma maior amplitude de problematizações, acabou por adentrar o campo das subjetividades, o seu terceiro domínio de estudo, como refere o próprio Foucault (1984, p.11) na obra *História da Sexualidade 2*:

Um deslocamento teórico me pareceu necessário para analisar o que frequentemente era designado como progresso dos conhecimentos: ele me levava a interrogar-me sobre as formas de práticas discursivas que articulavam o saber. E foi preciso também um deslocamento teórico para analisar o que frequentemente se descreve como manifestação de poder [...] Parecia agora que seria preciso empreender um terceiro deslocamento a fim de analisar o que é designado como “sujeito”, convinha pesquisar quais são as formas e as modalidades da relação consigo através das quais os indivíduos se constituem e se reconhecem como sujeito.

²⁵ Todos são capazes de realizar o seu *logos*, cuidado de si e somente com essa práxis ser[em] feliz[es].

O terceiro eixo de estudo de Foucault trata sobre a relação de si consigo. Não surgiu com a intencionalidade de anular os outros dois campos (saber/poder), mas sim, como uma maneira de problematizar a questão do sujeito consigo e com o outro. As três fases possuem abordagens diferentes, mas, podem, perfeitamente, entrelaçarem-se e serem discutidas, além disso, o autor revive a historicidade do conhecimento, e, do cuidado de si, trabalhada por Sócrates e Platão, outro ponto discutido nesse domínio, é a ética da existência.

Para iniciarmos a análise do discurso, é importante pontuar que seguiremos uma lógica de raciocínio e progressão. Começaremos abordando o conhecimento de si. O que estes professores compreendem pelo conhecimento de si? Eles realmente se conhecem? Seguindo a linearidade, abrangeremos o conceito do cuidado de si, quais as subjetividades que envolvem esse tema? No terceiro momento, discutiremos sobre o cuidado com o outro, o que entendem sobre a importância do cuidado de si, para, enfim, o cuidar do outro? Quais as implicações desse cuidado com o outro na educação?

3.3.1 *Gnôthi seautón*

Florence afirma que nunca ouviu sobre o conhecimento de si, ainda mais na enfermagem, pois essa profissão está muito mais ligada ao outro, sem ao menos pensar em si, segue o trecho do discurso:

“[...] Conhecimento de si? Não, nunca ouvi falar a respeito. Especialmente, na área da enfermagem, sempre temos o conhecimento do outro, mas de si não, a gente nem chega a trabalhar isso [...]”.

É preocupante o fato de Florence utilizar o advérbio **nunca**, fazendo isso ela busca um sentido de negação maior do que o **não** que a antecede, ela sente, claramente, a necessidade de reforçar a negatividade na sentença, pois, palavras como essas, nos demonstram intensidade na fala, dessa maneira, concluímos que é claro que o conhecimento de si não é abordado na enfermagem, o que torna uma das hipóteses desse estudo válida: “No sentido do conhecimento e do cuidado de si Sócrático/Platônico/Foucaultiano, a relação ética/estética dos enfermeiros docentes são desconhecidas”, mas seriam necessárias as práticas do conhecimento de si?

Foucault (1985, p. 353), em “*As Palavras e as Coisas*”, escreve: "Hoje em dia, já não se pode pensar senão no vazio do homem desaparecido", o homem moderno não tem tempo para si, não consegue (re)pensar suas práticas de si, estão cada vez mais agitados, ocupados e rápidos, como se a vida fosse uma *highway*, nela a velocidade e a eficácia são muito mais valiosas do que princípios como a qualidade e a destreza. E, é aqui, o ponto em que se perdem seus valores. Muitas vezes, no hoje, é complicado refletir sobre o homem, pois em diversas ocasiões, o que resta pensar é o vazio, uma vez que eles já se perderam de si há muito tempo, nessa perspectiva de modernidade, podemos conceituá-la, e, que de acordo com Foucault, um dos sentidos que adota ultrapassa a questão temporal, a modernidade se relaciona com as práticas discursivas:

"Modernidade" não tem a ver nem com uma época nem com uma caracterização, mas com uma atitude [...] Essa mudança tem a ver com a evolução da posição de Foucault a respeito da questão do sujeito. Em *Les mots et les choses*, a problemática do sujeito é abordada desde um ponto de vista epistêmico, isto é, das condições de possibilidade dos saberes que chamamos, em termos gerais, ciências humanas. Foucault interessa-se, então, pela formação e decomposição do homem como objeto e sujeito de conhecimento. Pois bem, por um lado, particularmente a partir de *Surveiller et punir* (ainda que tal perspectiva de análise já se encontre em *Histoire de la folie*), Foucault não só incorporará ao seu trabalho o estudo dos dispositivos de poder, mas, mais precisamente, abordará a questão das relações entre as práticas discursivas (os saberes) e as práticas não discursivas. As formas concretas e efetivas de exercício do poder tornarão possíveis as formas do saber e estas, por sua vez, reforçarão e sustentarão tais práticas. O sujeito-objeto, homem, já não é só uma determinada disposição no campo do conhecimento, mas o produto do exercício das formas de poder e das formas de saber que estão entrelaçadas com as primeiras. Para expressá-lo em outros termos, o sujeito converte-se, agora, em uma construção histórica das práticas em gerais: práticas discursivas e práticas não discursivas[...]. Por outro lado, desde essa ótica e depois de *La volonté de savoir* (1976), Foucault começa a ocupar-se das práticas de formação da subjetividade na Antiguidade clássica e helenística [...]. Dessa perspectiva, a Modernidade começa quando o aceso do sujeito à verdade está determinado somente por exigências cognitivas (CASTRO, 2009, p. 302).

O homem moderno vive, desde o Iluminismo, a constante busca pelas verdades; e essa rapidez não proporciona somente coisas ruins, tão pouco, exclusivamente boas; cabe ao ser humano, estabelecer o equilíbrio de suas práticas de si e refletir em prol de si mesmo, sabendo que o conhecimento de si, exige dedicação e tempo, e, mesmo assim, emerge o questionamento: como ter tempo em um mundo que o consome de nós? Se colocar em primeiro plano, não é egoísmo, é necessário. Na enfermagem, é muito comum colocar as necessidades do outro sob as próprias; e, Florence tem essa mesma visão,

quando diz “[...] *Ainda mais na enfermagem* [...]”, ousou a dizer que isso é “mal” de enfermeira(o), dedicamos tanto tempo a tentar conhecer o outro para melhorar sua condição de saúde x doença que esquecemos que deveríamos, outrora, antes nos conhecer, fica mais claro quando cito nesse cenário a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE).

A SAE é respaldada pela resolução COFEN 358/2009, e trata-se de uma prática privativa do enfermeiro, que tem como finalidade o cuidado individualizado, humano e holístico aos pacientes, seja em qualquer nível de atenção à saúde e à instituição, sendo pública ou privada, além disso, oferece respaldo científico, segurança e direcionamento para as atividades realizadas, o que contribui para a maior credibilidade, competência e visibilidade da enfermagem, gerando, assim, autonomia e satisfação do profissional. Seu objetivo primordial é identificar as necessidades do paciente, e, com isso, adquirir subsídios para o cuidado. A SAE é formada por cinco fases inter-relacionadas e interdependentes, sendo elas: o *Histórico de Enfermagem* (o que iremos priorizar nesse momento), o Diagnóstico de Enfermagem, o Planejamento, a Implementação e a Avaliação (TANNURE; PINHEIRO, 2013).

No que condiz ao histórico de enfermagem, o presente Conselho Federal, a partir da resolução COFEN 358/2009, consta que a:

I - Coleta de dados de Enfermagem (ou Histórico de Enfermagem) - processo deliberado, sistemático e contínuo, realizado com o auxílio de métodos e técnicas variadas, que tem por finalidade a obtenção de informações sobre a pessoa, família ou coletividade humana e sobre suas respostas em um dado momento do processo saúde e doença.

Ou seja, conforme Florence discursou, “[...] *sempre temos o conhecimento do outro* [...]”, pois é uma necessidade e responsabilidade buscar “compreender” o outro na atividade do sujeito enquanto enfermeira(o), mas, como está se construindo o conhecimento de si? É notório que em diversas ocasiões, não há. É pertinente, também, dizer, que esse conhecimento da equipe de saúde para com o paciente é mostrado na obra de Foucault intitulada “Nascimento da Clínica” (1963), chama-o de conhecimento médico, que nada mais é do que um discurso do corpo enfermo, sob o olhar do profissional, o qual só é possível, se partir de uma desordem física/psíquica, ou seja, não há um conhecimento real, pois ele é transitório, um recorte de um determinado momento, em que retrata o processo saúde x doença.

De acordo com Anna Nery, conseguimos, em suas subjetivações, conceituar o conhecimento de si:

“[...] o *conhecimento de si próprio é o quanto a gente se interioriza, sabe de si, das suas carências, das suas experiências, das suas necessidades e consegue tirar tudo isso do interior e exteriorizar, colocando até mesmo em prática [...]*” .

Da Grécia Antiga, no Templo de Delfos, o centro do mundo, encontravam-se os seguintes dizeres: *Gnôthi seautón*, ou seja, “examine a si mesmo”. Era necessário, também, que todo aquele que fosse consultá-lo, abordasse três fundamentos, o *Medén ágan*, *Engýe* e *Gnôthi seautón*:

Medén ágan (Nada em demasia) quer dizer: Tu que vens consultar não coloque questões demais, não coloque senão questões úteis [...] O segundo preceito, sobre o *engýe* (as causas), significa exatamente o seguinte: quando vem consultar aos deuses, não faça promessas, não te comprometas com coisas ou compromissos que não poderás honrar. Quanto ao *gnôthi seautón* significa: no momento em que vens colocar questões ao Oráculo examinas bem a ti mesmo as questões que tens que tens a colocar, que queres colocar; e posto que deve reduzir ao máximo o número delas e não as colocar em demasia, cuida em ver em ti mesmo precisão de saber (FOUCAULT, 2004, p. 6).

Nesse dado momento histórico do conhecer a si mesmo, sabemos que ele possui, para Apolo, um sentido voltado à religião, mas, foi através de Sócrates que se ganhou um sentido filosófico e não estava restrito em um templo, então, ultrapassou e rompeu as barreiras, e, agora, pertence ao mundo, de acordo com Foucault (2004, p. 7):

O *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) aparece, de maneira bastante clara e mais uma vez, em alguns textos significativos, no quadro mais geral da *epiméleia heautoû* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das consequências, uma espécie de explicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo [...].

Neste momento, para Foucault, o conhecimento de si adquiriu outra perspectiva, um fator condicionador para o cuidado de si, ou seja, só há o cuidado de si, se existir o conhecimento de si, pois ninguém é capaz de se cuidar, sem, ao menos, se conhecer. Temos, portanto, a importância da prática do conhecimento de si para o desenvolvimento do cuidado de si e cuidado do outro. É válido pontuar de que é impossível atingir o conhecimento pleno de si, por isso, exige-se uma prática diária de enfrentamentos de realidades, na qual se pode constatar as dificuldades, os potenciais, os pontos fracos, os

fortes e seus limites, pois, o conhecimento de si não se limita ao campo físico, ou psicológico, ele acontece nas relações interpessoais e intrapessoais, que englobam todas as esferas do ser humano. Tendo noção disso, e sabendo da complexidade do ser humano em si, e de sua constante mudança, pode-se afirmar que o conhecimento de si, o examinar a si mesmo, não é uma tarefa fácil, e, sim, árdua que exige um constante exercício.

Sabemos que o “conhecimento de si” possui origem religiosa, mas tal conceito adquiriu uma nova perspectiva com Foucault, que passou a ter sentido filosófico. O autor utilizou o conhecimento de si, como:

O *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo) [...] uma das formas, uma das consequências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo. E neste âmbito, como que no limite deste cuidado, que aparece e se formula a regra "conhece-te a ti mesmo", De todo modo, não se deve esquecer que no texto de Platão, A apologia de Sócrates, sem dúvida demasiado conhecido mas sempre fundamental, Sócrates apresenta-se como aquele que, essencialmente, fundamental e originariamente, tem por função, ofício e encargo incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, a terem cuidados consigo e a não descurarem de si (FOUCAULT, 2004, p. 8).

A discussão evidencia que o discurso de Anna Nery, vai ao encontro em partes ao pensamento de Foucault, quando ele expressa que o conhecimento de si é, também, reconhecer seus limites e potencialidades, mas o sentido, como já visto, é muito mais amplo, compreendemos nesse momento que conhecer a si é uma tarefa árdua que provém desde a Grécia, com o Oráculo de Delfos, nele, o povo ia para fazer pedidos, mas, deveriam seguir os três preceitos básicos: o de não pedir nada em excesso, não fazer promessas quando se há a possibilidade de não cumprir, e, também, a de se examinar antes de fazer um pedido.

Conhecer a si mesmo é, portanto, uma prática que deve ser contínua, e, mesmo quando, assim, for feita, ela jamais se esgotará, pois, é impossível que o ser humano se conheça por completo, seu físico, seu psicológico, suas interações sociais, seu relacionamento consigo mesmo, suas inspirações, sua espiritualidade, seus limites, suas potencialidades, a totalidade de seu interior e exterior, temos, então, a valorização do ser humano como um ser subjetivo e muito peculiar, diferenciando entre si em todo e qualquer aspecto.

O *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo) aparece, de maneira bastante clara e, mais uma vez, em alguns textos significativos, no quadro mais geral da *epiméleia heautoû* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das consequências, uma espécie de aplicação concreta,

precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo. E neste âmbito, como que no limite deste cuidado, que aparece e se formula a regra, conhece-te a ti mesmo (FOUCAULT, 2004, p.7).

Além disso, vale retomar que Florence nunca “ouviu” falar sobre o conhecimento de si, pelo contrário, apenas busca conhecer o outro, forte indício por ser enfermeira, que se dedica ao outro, e, muitas vezes, esquece-se de si.

Enquanto Anna Nery, em seus processos subjetivos, definiu o que viria a ser o conhecimento de si, mas é evidente que sua conceituação não basta, ela ultrapassa e transpassa todas as esferas que compõem o ser humano, e, é impossível que se tenha um conhecimento real de si.

O problema para o sujeito ou para a alma individual é voltar os olhos para ela mesma, para se reconhecer naquilo que ela é, e, reconhecendo-se naquilo que ela é, lembrar-se das verdades, com as quais tem afinidade, e, que ela pode contemplar; em contrapartida, na corrente que pode ser chamada globalmente, de estoica, o problema é aprender através do ensino de um certo número de verdades de doutrinas, as primeiras constituindo os princípios fundamentais e as outras, regras de conduta. Trata-se de fazer com que esses princípios digam em cada situação e de qualquer forma espontaneamente como vocês devem se conduzir. Encontramos aqui uma metáfora, que não vem dos estoicos, mas de Plutarco que diz: "É preciso que vocês tenham aprendido os princípios de urna maneira tão constante que, quando os seus desejos, apetites, temores vierem a se revelar como cães que rosnam, *logos* falara como a voz do mestre que, com um só grito faz calar os cães" (FOUCAULT, 1984, p.263).

Em suma, devido à importância do conhecimento de si, para o cuidado de si, passaremos para o próximo elo do pensamento foucautiano: o *epiméleia heautoû*.

3.3.2 *Epiméleia heautoû*

O cuidado de si só é possível quando se tem conhecimento de si, pois não há possibilidade do cuidado de algo ou alguém que não se conhece, e Foucault evidencia essa necessidade, utilizando a figura de Sócrates, ao dizer: “Sócrates apresenta-se como aquele que, essencialmente, fundamental e originariamente, tem por função, ofício e encargo incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, a terem cuidados consigo e a não descurarem de si” (FOUCAULT, 2004, p. 7).

Florence enriquece o seu discurso sobre a sua perspectiva do cuidado de si:

“[...] *O cuidado de si, não posso fugir da área da enfermagem, por eu ser enfermeira, então o cuidado de mim, vejo como se fosse um detox, **uma necessidade**, então eu me cuido, eu não penso, mas eu sei que cuido de mim na **minha área espiritual**, isso eu sei que é extremamente importante, segundo na **minha área física/ biológica**, até no fato de **ingerir mais líquidos**, da necessidade fazer uma caminhada, na necessidade de **ingerir alimentos saudáveis**, então, eu vejo nessas duas esferas, que, pra mim é primordial e a **social** também né porque eu preciso cuidar da minha vida social, cuidar de mim socialmente, não posso ficar dentro de mim mesma ou só dentro da minha família, família – eu e esposo- eu preciso cuidar de mim também nas outras áreas de relacionamento [...]*”.

O que Florence declara ser o cuidado de si, na verdade, se refere ao autocuidado: A área espiritual e física, a ingestão de líquidos, o satisfazer, também, da fome (através de alimentação) e interagir-se socialmente, todos esses aspectos compõem a necessidade humana básica do ser humano, comprovada através da Teoria de Maslow e de sua pirâmide, como já discutido.

Além disso, Florence inicia seu discurso argumentando que não há como desvincular o cuidado com a área da enfermagem, por ser enfermeira, mas sabemos que o cuidado de si, para Foucault, não se trata de aspectos meramente físicos, espirituais e sociais, o cuidado é transcendente, e, por completo, ao contrário do que se costuma compreender por cuidado “comum”, que se limita a cuidar das demandas de um paciente hospitalizado ou por um acompanhamento através das unidades básicas de saúde.

Um enfermeiro assistencial trabalha no processo saúde x doença no nível de atenção primária, secundária, terciária e quaternária em saúde, já um enfermeiro docente, pode atuar nos cenários supracitados, enquanto supervisor de estágio, além disso, está, também, cuidando diretamente dos acadêmicos de enfermagem, com isso, evidencia que é complicado desvincular o cuidado do outro com o ser enfermeiro, o que afeta, diretamente, o profissional cidadão, um enfermeiro, dificilmente, deixará as atividades do labor, mesmo quando não a executa profissionalmente, a verdade é que esse profissional nunca deixa de ser enfermeiro, como diz o próprio Código de Ética de 2017, Art.22º, quando atribui como dever: “Disponibilizar seus serviços profissionais à comunidade em casos de emergência, epidemia e catástrofe, sem pleitear vantagens pessoais”.

Em todo caso, traremos o que Foucault compreendia como cuidado de si, já que Florence salienta três grandes domínios, o físico/biológico, o social e o espiritual:

[...] O cuidado de si constituiu, no mundo grego-romano [...] para se conduzir bem para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo de se reconhecer – eis o aspecto do *gnôthi seautón*- e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo [...] (FOUCAULT, 2004, p. 262).

Edgardo Castro (2009, p. 93) contribui conceituando o que considera verdade no conceito do cuidado de si, segundo os pensamentos foucaultianos:

[...] A expressão “souci de soi” (título do terceiro volume de *Histoire de la sexualité*) traduz o grego “*epiméleia heautoú*” (em latim “cura sui”); “cuidado de si mesmo”, parece a melhor tradução para o português. O tema do cuidado de si foi consagrado por Sócrates; a filosofia posterior o retomou e, na medida em que ela mesma se concebeu como uma arte da existência, a problemática do cuidado ocupou o centro de suas reflexões. Esse tema acabou ultrapassando os limites da filosofia e alcançou progressivamente as dimensões de uma verdadeira cultura do cuidado de si. A história do cuidado e das ‘técnicas’ de si seria, então, uma maneira de fazer a história da subjetividade; mas já não através das separações entre loucos e não loucos, enfermos e não enfermos, delinquentes e não delinquentes, mas através da formação e das transformações em nossa cultura das “relações consigo mesmo” com seu arcabouço técnico e seus efeitos de saber [...].

Mas, como seria, de fato, a prática do cuidado de si? Podemos retratá-lo como uma maneira também de governamentalidade, sendo, que, se há um governo de si próprio, e, também, nas suas interações com o outro e o cuidado de si passa por mudanças com o tempo, como já descrito no capítulo 1, então, era comum que no primeiro período que encarassem o modo da prática de si, através de ritos de purificação, da alma. Já, no segundo momento, com Sócrates e Alcibíades, dois grandes nomes utilizados por Foucault, correlacionam-se o conhecimento de si para o cuidado de si, em seguida, com o terceiro período, não se bastava o conhecimento de si, mas, também, entrelaçava-se com outros modos refinados de agir e, também, de pensar em si para refletir no outro (cuidado com o outro). Depois de apropriações de verdades, de acordo com o tempo, cuidar de si foi percebido como uma maneira egoísta de vida, pois, nessa época estavam mais interiorizados e passavam a imagem de serem, até mesmo, egoístas. Por fim, com o acontecimento moderno, as pessoas começaram a desvalorizar o cuidado de si, e, supervalorizar o conhecimento de si, graças ao modelo cartesiano proposto por Descartes (CASTRO, 2009).

Sob outra perspectiva Revel (2005, p. 33) expressa que:

No início dos anos 80, o tema cuidado de si aparece no vocabulário de Foucault no prolongamento da ideia de governamentalidade [...] A

expressão “cuidado de si” [...] indica na verdade, o conjunto das experiências e das técnicas que o sujeito elabora e que o ajuda a transformar-se a si mesmo [...].

Ainda sobre o conceito, Foucault traz a seguinte compreensão:

Por esta palavra "governamentalidade", entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Em segundo lugar, por "governamentalidade" entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de "governo" sobre todos os outros - soberania, disciplina - e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes. Enfim, por "governamentalidade", creio que se deveria entender o processo, ou antes, o resultado do processo pelo qual o Estado de justiça da Idade Média, que nos séculos XV e XVI se tornou o Estado administrativo, viu-se pouco a pouco "governamentalizado" (2008, p. 143-144).

Podemos entender, após tais discussões, que Florence não está totalmente errada, mas, sob nossa concepção ela se limita ao dizer que cuidado de si se basta em determinadas esferas, como diz sobre o social, o físico e o espiritual. O cuidado de si se ressignificou durante as décadas, e, hoje, pode-se associar ao campo filosófico, visto como uma maneira de vida. E, ao falarmos sobre o cuidado de si, não podemos restringi-lo ao corpo, às necessidades de suprimentos dele, mas, sim, encará-lo como uma alternativa de vida, cuidar de si é romper as barreiras e ir de encontro às inúmeras verdades que estão postas e não se render aos ecos das verdades.

Indo de encontro à temática, trazemos o discurso de Anna Nery sobre o cuidado de si:

*“[...] Eu tenho refletido bastante sobre isso- o conhecimento de si e o **cuidado de si**- eu posso confessar para você que agora em 2018, eu entrei nesse ano com esse propósito, estou com 46 anos, tenho 25 anos de formada e eu **dediquei uma vida aos cuidados às outras pessoas** e esse ano de 2018 eu entrei no ano falando que eu iria cuidar mais de mim eu sinto essa **necessidade** porque não é só na prática docente, a gente cuida do aluno, do próximo, ouve os problemas e as dificuldades e também na nossa assistência diária, com os pacientes que vem pra gente, então esse foi um propósito para esse ano e*

eu tenho conseguido fazer isso, passei a buscar me interiorizar mais, me conhecer mais, ver em mim mesma, o que eu preciso melhorar, as minhas deficiências, as minhas carências, até o próprio cuidado com o corpo, consultas, exames e tudo isso [...]”.

Fica evidente no discurso, o reconhecimento da necessidade de conhecer a si, para então o cuidado de si e além disso podemos, com o discurso de Anna Nery, observar sua ânsia por mudanças comportamentais. Ao contrário de Florence, Anna Nery, além de ser docente, também atua na área da assistência em enfermagem e devido a isso, sua carga horária de trabalho é superior, então, é mais comum que Anna sinta-se mais cansada e com a necessidade de buscar novas verdades, fazendo que ela adota práticas para o cuidado de si.

Essas transformações ocorridas com Anna Nery, também podem ser designadas como “formas de viver”:

[...] é preciso entender que o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual vem ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo de circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar as relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições, ele proporcionou , enfim um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber [...] (FOUCAULT, p.50).

Ao citarmos “formas de viver”, relacionada ao que Foucault chamou de “cultura de si”, quando, no caminhar do período helenístico/romano, o cuidado de si platônico sofreu várias modificações, frutos das transformações sociais e culturais daquele tempo. No nosso tempo, as (re)significações aconteceram com Anna Nery, que percebeu, através de suas práticas, enquanto docente, e, quando enfermeira assistencial, que deveria adotar novas posturas, e tudo isso é reflexo de suas práticas sociais que resultou em uma emersão de um novo saber, nesse caso, uma nova postura frente a si mesmo.

Esses casos nos mostram o quão singulares são as pessoas, os efeitos em que elas estão submetidas a passar, e, dessa forma, se transformar do interior para o exterior, como apresenta-nos o autor Foucault na obra “*A Hermenêutica do Sujeito* (2006, p.14)”, através do fragmento abaixo:

[...] O tema de uma atitude geral, um modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. A *epiméleia heautôu* é uma atitude – para consigo, para com os outros, para com o mundo [...] a *epiméleia heautôu* é também uma forma de atenção, de

olhar. Cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar, que se conduza do exterior para o interior [...] a noção de *epiméleia heautôu* não designa sempre algumas ações, ações que são exercidas para consigo, ações pelas quais assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos [...].

Tais condições descritas permitem que modifiquemos e (re)transformamos nossas práticas de si, adotando posturas diferentes, tudo isso revela o quanto somos distintos em um mundo pluralizado, cada sujeito reage de uma maneira perante o mundo, e, isso, nos mostra a subjetividade da pessoa humana, inclusive no que tange ao seu cuidado de si, como no caso de Anna Nery, que percebeu e modificou suas práticas de cuidado, pode-se relacionar essa mudança pelo fato de sua mãe ter falecido no ano anterior, em 2017, o que fez com que ela valorizasse o si mesmo, não como uma forma de egoísmo, mas, como um ato de *technê tou biou*, “fazer de sua vida um objeto de *tekhne*, uma obra de arte” (REVEL,2005,p.33), tal fato confirma-se com o fragmento abaixo:

“[...] **tive uma experiência muito dolorosa o ano passado que eu perdi a minha mãe [...]** ela esteve hospitalizada por uma cirurgia de osteossíntese de fêmur, por dez dias e eu vendo ela ir aos poucos embora em uma UTI, implorando para que tirasse ela de lá, pois sei dos riscos que uma UTI oferece, mas não tinha vagas em outras unidades, então ela acabou adquirindo uma infecção hospitalar e veio ao óbito [...]”.

De acordo com Edgardo Castro (2009, p. 409), “Foucault denomina modos de subjetivação a estas formas de atividade sobre si mesmo”, desse modo, é árduo definir, ao certo, o que vem a ser subjetivação, ou subjetividade, de um modo geral, e consenso, sabendo que, cada indivíduo adota para si valores, posturas e ideologias, não existe uma forma ou moldura para se definir, por isso, é claro que a postura em que Florence adota sobre seu cuidado é distinta da de Anna Nery, pois são pessoas diferentes, com raízes históricas não iguais e inseridas em um meio sociocultural, também, distinto.

Cuidado de si transcende, e, ao mesmo tempo, torna-se inviável sanar todas as necessidades existentes no ser humano, um sujeito jamais estará 100% em todas suas atividades e composições essenciais, hoje pode estar bem, fisicamente, mas, e, psicologicamente? E vice-versa? O cuidado voltado para si vai muito mais além de nossas limitações perceptivas, ele se relaciona com a alma, mas, para que notemos qual, ou quais, são os aspectos que necessitam de se ter um cuidado especializado, é necessário que haja o conhecimento de si, como já discutido, temos aqui a interdependência destes dois conceitos, por isso, Sócrates reafirma: “A vida que não é examinada, não vale a pena ser

vivida”. Tão somente ao cuidar de si, somos capazes de cuidar do outro, mas será que Florence e Anna Nery cuidam de si? Vejamos o discurso abaixo de ambas, respectivamente:

“[...] eu acredito que em parte e não totalmente, eu cuido de mim, em parte, não consigo cuidar totalmente por causa da minha carga horária de trabalho [...]”.

“[...] Cuidado de si... é tão difícil a gente cuidar da gente, a gente sempre acha que não precisa de cuidados, que o outro sempre precisa de mais cuidados do que a gente, só que chega em um determinado momento, que a gente precisa parar e rever muitas coisas, pois existe um grande números de afastamentos de professores pelo INSS, por não cuidar de si [...]”.

Podemos destacar que embora os sujeitos da pesquisa relatam não exercer o cuidado de si, ou realizam-no de maneira parcial, salientamos que o cuidado de si é um exercício transformador de si, dessa forma tanto Florence quanto Ana Nery em seus processos de construções de subjetividades estão cuidando de si, mesmo que para Florence, esse processo torna-se dificultoso devido à carga horária de trabalho.

Condizente à carga horária de trabalho docente, destacamos uma pesquisa qualitativa que foi realizada com professores, em 2014, na cidade de Uberaba/MG, na qual constatou que a carga horária extensa que o docente é submetido, afeta, diretamente, em suas práticas de cuidado de si, resultando em um desgaste de si e uma educação de baixa qualidade, cuidado com o outro (FERREIRA; SOUZA; PEREIRA, 2014, p 320).

[...] as demandas que desgastam, desmotivam e até comprometem o trabalho do professor são inúmeras e o foco de cuidado raramente é direcionado ao papel daquele que está na linha de frente e geralmente sofre as maiores consequências. Vivem situações de salários baixos, perspectiva nula de melhoria na carreira, carga horária excessiva e sem reconhecimento da sua importância, além de serem expostos a condições de violência. Sendo assim, sabe-se que o medo e o esgotamento emocional resultam em falta de compromisso e descaso com as atividades que deveriam ser cumpridas, imperando desta forma, uma educação de má qualidade [...].

Embora a carga horária de trabalho docente de Florence seja extensa, a mesma exerce outras atividades acadêmicas, o que aumenta ainda mais seu labor. Um professor, na maioria das vezes, não possui tempo suficiente para a prática do cuidado de si, os

docentes devem ir de encontro a sua interiorização, e, em busca de suas próprias verdades, torna-se indispensável tempo para si mesmo:

O solo da *epiméleia heautoû*, traduzido pelos latinos como *cura sui* e para o português como cuidado de si, diz respeito à atitude diferente consigo, com os outros e com o mundo; indica a conversão do olhar do exterior para o próprio interior como modo de exercer a vigilância contínua do que acontece nos pensamentos; sugere ações exercidas de si para consigo mediante as quais alguém tenta modificar-se; designa maneiras de ser, formas de reflexão e de práticas que conformam o núcleo da relação entre subjetividade e verdade (CANDIOTO, 2008, p. 91).

Anna Nery também se encaixa na condição acima do não cuidado de si, confirmando, mais uma vez, a hipótese da pesquisa, além disso, ela nos traz em seu discurso que há um grande índice de afastamento de professores pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), justamente pela falta de cuidado consigo, frente a isso, foi realizada uma pesquisa de banco de dados dentre o ano de 2000 e 2012, com o objetivo de buscar os maiores índices de afastamento pelos docentes em geral, seguindo os descritores: doenças ocupacionais, trabalho docente e processo saúde-doença, foram constatados que o estresse, a exaustão emocional correspondiam ao maior índice de afastamento, seguido de doenças osteomusculares e distúrbios respiratórios (BAIÃO; CUNHA, 2013).

Quando o docente é enfermeiro, temos, não necessariamente, aspectos que levam ao afastamento, mas que influenciam diretamente no cuidado de si:

[...] riscos psicossociais do trabalho docente e mencionou como principais a fadiga mental, dificuldade de relacionamento com colegas e superiores, ansiedade, falta de tempo para a família, baixa autoestima, baixo rendimento no trabalho, sofrimento moral, insatisfação e danos físicos decorrentes desses fatores [...] docentes apontaram que a carga mental intensa, a sobrecarga de trabalho, o excesso de responsabilidades - mau planejamento das atividades, cobranças, desgaste físico, ruídos - e os problemas nas relações interpessoais são alguns dos diversos riscos psicossociais a que estão expostos. Além disso, afirmaram que esses riscos afetam sua saúde por meio do estresse, ansiedade, insônia, cefaleia e outras manifestações associadas como mau humor, alteração na glicose, alterações da pressão, resfriados frequentes, falta de concentração, dor de estômago, etc. O excesso de peso e a não utilização de microfones em sala de aula também foram mencionados como condições de trabalho desencadeadoras de doenças ocupacionais [...] (PINTO; PINTOR; DETA, 2017, p.55).

No tocante às doenças que oferecem afastamento laboral de docentes enfermeiros, encontramos, ainda, segundo o autor supracitado, doenças do “sistema músculo-

esquelético (25%), geniturinário (15,63%), respiratórias (12,05%), doenças cardiovasculares e estresses, ambas com 9,38%” (PINTO; PINTOR; DETA, p.55).

Essas informações vão de encontro ao discurso de Anna Nery, que teme ser afastada pelo INSS, em prol de um auxílio- doença, em casos na qual se adquire a doença no âmbito laboral, auxílio-acidente, quando, por algum período, deve-se afastar do trabalho, até sua recuperação por um trauma físico/psicológico, ou por auxílio de invalidez, que ocorre quando, em serviço, o funcionário adquire uma doença que incapacite sua atuação profissional.

Por isso, que quando Foucault trabalha o cuidado de si, ele não se preocupa em referir ao cuidado sustentado por questões morais ou patológicas centradas somente ao corpo, trata-se de valores transcendentais e esses que proporcionam uma qualidade de vida.

Além disso, o mesmo sujeito, Anna Nery revela que, para ela, é muito mais comum voltar seu cuidado para com o outro do que para si, isso se relaciona com a própria profissão, que tem como centro de suas ações o outro, evidenciado pelo Juramento da Enfermagem, que foi regulamentado pelo COFEN através da Resolução 218/99, que foi adotada em todos os órgãos regionais de enfermagem, como demonstra no COREN do Rio Grande do Sul:

Solenemente, na presença de Deus e desta Assembleia, juro: Dedicar minha vida profissional a serviço da humanidade, respeitando a dignidade e os direitos da pessoa humana, exercendo a Enfermagem com consciência e fidelidade; guardar os segredos que me forem confiados; respeitar o ser humano desde a concepção até depois da morte; não praticar atos que coloquem em risco a integridade física ou psíquica do ser humano; atuar junto à equipe de saúde para o alcance do nível de vida da população; manter elevados os ideais de minha profissão, obedecendo aos preceitos da ética, da legalidade e da moral, honrando seu prestígio e suas tradições (COREN-RS, 2016, p.1).

Percebemos que a percepção do cuidado de si para os dois sujeitos, não abarcam as práticas mencionadas pela perspectiva foucautiana, pois para ele, em suma, o cuidado de si emergido por Sócrates se interliga ao conhecimento de si, transpassa e transcende o físico/biológico e tornou um modo de vida:

Ora, é esse o tema do cuidado de si, consagrado por Sócrates, que a filosofia ulterior retomou, e que ela acabou situando no centro dessa “arte da existência” que pretende ser. É esse tema que, extravasando o seu quadro de origem e se desligando de suas significações filosóficas primeiras, adquiriu progressivamente as dimensões e as formas de uma verdadeira “cultura de si” (FOUCAULT, 1985, p. 50)

Anna Nery também proporciona a passagem para o outro tópico foucautiano que será discutido a seguir, quando ela discursa que está muito mais ligada ao cuidado com o outro do que de si mesmo. Devido a isso, expressaremos nossa análise a seguir sobre o cuidado com o outro.

3.3.3 *Cuidado com o outro*

O cuidado de si, para Foucault, só é possível quando há a ligação com o cuidado do outro, isso, porque, de acordo com o autor, é com o outro que nos desconstruímos e (re)construímos, o nosso próximo exerce uma ação pedagógica que não somos capazes de ter a sensibilidade de perceber.

Florence discursa frente ao cuidado com o outro:

“[...] Cuidar do outro não foge do mesmo do cuidado de si, porque eu, como ser humano, vejo o outro como um ser que precisa de cuidados, então o conceito que eu tenho de cuidado com o outro, o que é de uma forma holística também, espiritual, social, física, biológica, eu acredito que é assim [...]”.

Enquanto isso, Anna Nery discursa que:

*“[...] Cuidar do outro é uma dedicação muito intensa e a gente cuida do outro sem perceber, a gente cuida dos nossos **pacientes**, a gente cuida de nossos **alunos**, e eu falo por mim, não estou generalizando a carreira docente, a gente **cuida dos nossos familiares** [...] isso é cuidado, o toque, o olhar, as palavras, a aproximação, isso é cuidado com o outro, o cuidado **ultrapassa o verbal**, ele **também está no não verbal**, ele está em tudo [...]”.*

Nesses fragmentos muito se enuncia sobre o outro, começamos portanto nossa discussão pontuando o que vem a ser a conceituação do termo “outro” para Foucault. Para ele, advém dos pensamentos gregos, nesse caso, Sócrates era o outro na relação com Alcibíades:

[...] Quem está preocupado no cuidado de si no Alcibíades não é o próprio Alcibíades, mas Sócrates, o outro, a partir de então a história do cuidado de si passa a ser vista não como uma relação pura de isolamento do sujeito em si mesmo [...] Sócrates começa a cuidar ou a se interessar pela forma pela qual Alcibíades cuida de si mesmo. E esta preocupação

de Sócrates, do outro, é o que define a figura do mestre da dinâmica do cuidado de si [...] (OLIVEIRA, 2011, p. 80).

Tratemos que a concepção do cuidado de si influencia o modo com o qual cuidamos do outro, por outro lado, sabemos que cuidando do outro também nos (re)construímos, mas, surge-se a indagação como cuidar do outro, se os próprios sujeitos da pesquisa revelaram não exercer o cuidado de si, (pelo menos não totalmente), ou encararam-no como uma prática difícil?

Nosso *éthos* deve estar voltado para o outro, mas, é de inteira necessidade que o outro não interpele o nosso eu, nas palavras de Foucault (1985, p. 265):

[...] Mas não creio que se possa dizer que o homem grego que cuida de si deva inicialmente cuidar dos outros. Esse tema só intervirá, me parece, mais tarde. Não se deve fazer passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si; O cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária [...].

Portanto, o outro é um ser que precisa de cuidados como refere Florence, mas devemos ter a cautela de não posicionar o outro antes de si, pois, ao fazermos isso, torna-se o processo de cuidado falho, como sugere Foucault, pois, não haverá um cuidado de si, muito menos um cuidado com o outro.

Além disso, o cuidado com o outro, assim como o cuidado de si, não é limitado à esfera física, como os dois sujeitos relataram acima, mas, sim, de uma maneira “[...] *Holística* [...]” como, também, diz Florence, mas para que isso ocorra, deve-se haver uma ocupação de si para depois preocupar-se com o outro:

Quem se ocupa consigo – é o que acabei de lhes mostrar- torna-se capaz de ocupar-se com os outros. Há por assim dizer, um vínculo de afinidade entre ocupar-se consigo e ocupar-se com os outros. Ocupo-me comigo para poder-me ocupar-se com os outros (FOUCAULT, 2004, p.216).

A condição de cuidado com o outro, foucaultiano, também se constitui da ideia da existência de um mestre, nesse caso, o outro. Acontece, então, uma troca de saberes e de construções destes, por isso, a importância de interações, de se posicionar como um sujeito em construções sociais,

Pois o cuidado de si é, com efeito, algo que, como veremos tem sempre necessidade de passar pela relação com o outro, que é mestre. Não se pode cuidar de si sem passar pelo mestre, não há cuidado de si, sem a presença de um mestre (FOUCAULT, 2004, p. 73).

Então, realmente, como diz Anna Nery, o cuidado com o outro: “[...] *Ultrapassa o verbal* [...]”, ele se forma com o outro, através do “[...] *toque, o olhar, as palavras, a aproximação* [...]”.

O outro ou outrem é indispensável na prática de si a fim de que a forma que define esta prática atinja efetivamente seu objeto, isto é, o eu, e seja por ele efetivamente preenchida. Para que a prática de si alcance ou eu por ela visado, o outro é indispensável. Esta é a fórmula geral (FOUCAULT, 2004, p. 158).

Traremos a discussão desse “outro”, nesse momento para o âmbito escolar, pois nele também existe a presença da figura de um mestre, no caso, o docente enfermeiro, que exerce o processo educacional, no caso dos dois sujeitos da pesquisa, através de ações sensíveis de cuidado, como o discurso de Florence:

“[...] *O acadêmico ele é muito observador, ele aprende muitas vezes vendo o professor, então se ele vê um professor ingerindo água, se ele vê um professor com peso adequado, porque isso também influencia porque eu posso estar falando uma coisa e vivendo outra, [...] eu estava em uma maternidade, e tinha uma gestante e ela não tinha marido, separou do esposo e engravidou de uma outra pessoa, então ela não tinha ninguém com ela, aí eu falei “Eu posso fazer uma oração com você antes de eu ir embora? Pois você irá entrar em trabalho de parto, e você está aqui sozinha, eu posso fazer uma oração com você?” Ela falou que podia, e, aí antes de ir embora, que eu estava orando com ela, quando eu abri os olhos tinha **alunos meus me observando**, a enfermeira da unidade estava me observando e eu não sabia que tinha mais gente ali vendo, então, se eu acho importante essa parte espiritual e eu faço e o aluno vê na prática, tem mais valor do que ele vê, do que aquilo que o professor só fala, então, tem que ter a prática, na prática, ele aprende. Esses dias, **estavam todos desanimados no estágio**, eu olhei para aquilo e **perguntei o que estava acontecendo**, eles me falaram que estavam com fome e não haviam trago dinheiro para lanchar, o que eu fiz? Fui lá na padaria, comprei pão, mortadela e um refrigerante, ficaram todos felizes, **isso é cuidado com o outro também** [...]”.*

Além do outro ser indispensável, ele só se torna um ser possível quando se existe a presença do mestre, e, com isso, Foucault revive dos pensamentos de Sócrates três tipos de características:

[...] Primeiramente, a maestria de exemplo. O outro é um modelo de comportamento, modelo transmitido e proposto ao mais jovem e indispensável a sua formação. Este exemplo pode ser transmitido pela

tradição: são os heróis, os grandes homens que se a conhecer através das narrativas [...] O segundo exemplo é a maestria da competência, ou seja, a simples transmissão de conhecimentos, princípios, aptidões, habilidades [...] Finalmente, terceiro tipo de maestria: maestria socrática [...] do embaraço e da descoberta, exercida através do diálogo [...] (FOUCAULT, 2004, p. 158).

Florence exerce, claramente, um exemplo de mestre, quando se preocupa com o cuidado com o outro - os alunos - acabam sendo um modelo de comportamento quando percebe que os alunos observam suas ações assistenciais e, tendem a replica-las, e, além disso, promove uma abertura para o diálogo, gerando mudanças perceptivas sobre o que é ser um docente enfermeiro mestre, aquele que cuida do aluno.

Confirmando que a relação de mestre e discípulo, ou mesmo, aquele que cuida e o que é cuidado, se altera constantemente, Anna Nery nos confirma através de uma vivência:

“[...] eu tive uma experiência muito dolorosa o ano passado que eu perdi a minha mãe e eu tive muito apoio dos meus alunos, ela esteve hospitalizada por uma cirurgia de osteossíntese de fêmur, por dez dias e eu vendo ela ir aos poucos embora em uma UTI, implorando para que tirasse ela de lá, pois sei dos riscos que uma UTI oferece, mas não tinha vagas em outras unidades, então ela acabou adquirindo uma infecção hospitalar e veio ao óbito e eu vendo todo esse processo e tendo que estar em sala de aula, a gente está destruída, mas eu tentava, tentava, não transparecer isso para meus alunos, embora seja difícil porque sou transparente e eu tive muito apoio deles, muito, eles acabaram cuidando de mim nesse momento difícil [...]”.

Em tempo, a relação de quem cuida e quem é cuidado se alterna, como vimos acima com Anna Nery, mas, essa condição ocorreu devido à aproximação que o sujeito tem com os alunos - uma relação estreita – o que permitiu a abertura para que os alunos exercessem a função de maestria para com a docente, isso significa que Anna já exerceu, inúmeras vezes, o cuidado para com eles e os acadêmicos aprenderam com os exemplos e práticas, o que permitiu a alternância do processo do cuidado.

Outra questão que surgiu nesse estudo foi a seguinte: será que as práticas docentes sofreram influências do cuidado de si do docente enfermeiro? O que pensam os sujeitos da pesquisa?

Para Florence:

“[...] **O cuidado de si pode influenciar** sim ao cuidar do outro, porque vamos supor, se eu não estiver bem mentalmente eu não vou cuidar bem do outro, se eu estiver irritada e não sei trabalhar com minha irritabilidade eu vou cuidar de forma errada do outro, então tem tudo a ver, se eu estou bem comigo mesma eu vou cuidar bem do outro, então tem que ter, não sei se é essa palavra... ah não é sim, **tem que ter o equilíbrio**, tem que haver o equilíbrio, **como que eu vou cuidar do outro, nesse caso o aluno, se eu não cuida de mim**, então uma falha está tendo dentro de mim [...]”.

Já para Anna Nery:

“[...] Agora **o cuidado que eu tenho de mim influencia no meu cuidado com o outro**, eu procuro cuidar de mim, mesmo com as dificuldades pela idade avançando, pela carga horária de trabalho, mas **se eu não estou bem, como eu estarei bem para cuidar do outro?** Tem dia que a gente não está bem mesmo, a gente está aborrecido, preocupado com determinadas situações, mas **não podemos deixar isso interferir no outro** e meu pai falava uma coisa muito prudente para a vida: O coração é da gente, mas nosso rosto é do próximo. Eu posso estar com milhões de problemas, mas a outra pessoa não tem nada a ver com isso, eu tenho que naquele momento dar o melhor de mim e muitas vezes isso é um sacrifício tremendo. **É difícil a gente não estar bem e se fazer de bem para oferecer o bem para o outro. Quando o outro é meu aluno, eu posso afirmar que minhas práticas docentes sofrem também influências do meu cuidado** [...]”.

Florence discursa que **pode** haver influência em seu cuidado com o outro, e essa influência acontece partindo de seu humor, quando estiver irritada, ou quando não está bem, devido a algum aborrecimento. Para ela, seus sentimentos fluem fortemente na sua relação com o outro, e, com isso, chega a transparecer a ideia de que quando tudo está bem consigo, principalmente mentalmente, ignorando as demais esferas, o cuidado com o outro não sofre interferências ou lhes é atribuída uma positiva, termina seu discurso com a palavra **equilíbrio** de si, pois, somente assim, conseguirá prestar um cuidado ao outro, o aluno.

Enquanto isso, Anna Nery não discursa sob uma possibilidade, ela afirma que existe uma influência e declara “[...] **se eu não estou bem, como eu estarei bem para cuidar do outro?** [...]”. Além do mais, considera que o cuidado para com o outro, pode ser o seu aluno, e, muitas vezes, ela se abnega, no sentido de não estar bem muitas vezes, para oferecer o seu melhor, mesmo em suas limitações.

Quando falamos sobre o cuidado, sabemos que ele se liga à subjetividade, isso ocorre também com o cuidado com o outro. A figura de um mestre emerge daquele que cuida do outro, mas, só é possível cuidar do outro quando se cuida de si proporcionando uma discussão de governamentalidade, como diz Muchail (2011, p. 242):

Agora, porém, o cuidado de si é incorporado ao âmbito da reflexão filosófica. E, neste contexto, vincula-se ao exercício da ação política (governar-se bem para bem governar os outros), às superação das deficiências da ação educativa e amorosa, à necessidade de vencer a ignorância (duplamente, em relação ao que não se sabe e à ignorância que se ignora).

Para Edgardo Castro (2009, p. 126), o conceito de governamentalidade para Foucault, no âmbito das práticas do cuidado, é:

Na relação consigo mesmo (elemento constitutivo da governamentalidade) encontramos um conjunto de práticas que permitem constituir, definir, organizar estratégias que os indivíduos podem desenvolver a respeito dos outros. Foucault denomina governamentalidade o encontro das técnicas de dominação e as técnicas de si.

No sentido filosófico de governamentalidade, pode-se relacionar com as práticas de cuidado para com o outro, que tratam-se de jogos da busca pelas verdades, através da práxis adotada pelo docente e essa postura faz toda diferença no processo educacional em enfermagem.

Outra condição que gostaríamos de discutir trata-se do processo de desvinculação das esferas de si, é impossível que estejamos “[...] *aborrecidos* [...]”, como diz Anna Nery e mesmo assim oferecer o melhor para o outro, não faz sentido que ocorra essa distinção, pois a condição física, por exemplo, interfere na psicológica, vice-versa e acontece também na espiritual, social, etc. então, quando ela relata que “[...] *não podemos deixar isso interferir no outro* [...]”, já dissemos, anteriormente que, (*grifo meu*) ser impossível a dissociação dentre as próprias esferas que compõem o ser humano.

O cuidado de si interfere no cuidado com o outro, inclusive no âmbito educacional, por outra concepção o “si” se constrói na relação com o outro, são interdependentes, como Foucault afirma:

O cuidado de si permite ocupar-se na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o magistratura ou para manter relações de amizade. Além disso, o cuidado de si implica também na relação com um outro. Uma vez que: para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia de um conselheiro de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim, o problema das relações com

os outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si (FOUCAULT, 1985, p. 265).

Podemos considerar tal afirmação de Foucault e trazê-la para a educação, então, qual seria a função do professor no processo de educação? Sabendo que o docente de enfermagem cuida enquanto educa?

A questão que se coloca é a seguinte: qual é, pois a ação do outro que é necessária à constituição do sujeito por ele mesmo? De que modo vem ele inscrever-se como elemento indispensável do cuidado de si? O que é, por assim dizer, esta mão estendida, esta “educação”? Que não é uma educação, mas outra coisa ou uma coisa a mais que a educação? (FOUCAULT, 2004, p. 166).

Para Foucault, o educador tem a função de provocar, de perturbar, ao ponto dos educandos perceberem e refletirem sobre suas práticas de si e assumirem a postura do cuidado de si, auxiliando, também, na construção do outro, inclusive com o professor, pois, tratam-se de relações mútuas de (re) construções de verdades, é cuidando de si que podemos cuidar do outro, e, é cuidando do outro que cuidamos de si.

O próximo tópico trata das considerações finais do estudo, assim como os desafios e perspectivas para as práticas de ensino em enfermagem.

4 “ MUITO POUCO EU SEI, OU NADA SEI”²⁶...

*Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
Só levo a certeza de que muito pouco eu sei
Ou nada sei
Almir Sater e Renato Teixeira (1990).*

A realização dessa minha pesquisa surgiu devido a inúmeras experiências que vivenciei, enquanto acadêmica. Minhas inquietações afloraram quando parei e percebi que os que cuidam do outro, muitas vezes, não se cuidam, digo isso de uma forma bem particular, sempre estive voltada para o outro e esquecia-me de meus próprios cuidados. Os cuidados que aqui menciono estão relacionados ao autocuidado e também ao Cuidado de si, que hoje consigo entender.

O desenvolvimento da pesquisa não foi fácil, deparei-me com estranhamentos, novas metodologias, desconstruções de minhas ideologias, e, com toda certeza, houve, e, há superações de todas as maneiras, nessa jornada, na busca para entender que as verdades que nos constituem são intensas, mas, também, podem ser reconstruídas.

Obtive muita colaboração, compreensão e aprendizado da maioria dos professores com os quais tive contato durante o mestrado. O projeto sofreu muitas alterações, até seu último instante, desde o título, o *corpus*, as fundamentações, os caminhos, mas, sempre tive um orientador que me auxiliou durante a árdua jornada.

As disciplinas, com enfoque nas obras foucaultianas, ajudaram-me, de um modo particular, a deixar de ver e passar a enxergar, observar, descristalizar e proporcionaram suporte, para que, enquanto pessoa, e, pesquisadora, deixasse um pouco a ingenuidade de lado, e isso me tornou mais profissional, ao coletar os dados, e, a viver.

Diversas vezes, me identifiquei com os discursos das docentes de enfermagem, elas, em inúmeros momentos, acabaram chorando, lembrando momentos difíceis que passaram no decorrer da vida, nas mudanças que tiveram, no que eram e no que se tornaram, foi gratificante participar destes momentos tão singulares que as levaram a refletir sobre elas mesmas. E, que, em algum momento, também, me fez refletir sobre mim e minhas práticas.

Após as coletas, foram feitas as transcrições, com muita cautela, objetivando respeitar, eticamente, a pessoa humana e todas as experiências que elas traziam consigo. Graças a essas pessoas esta pesquisa se fortaleceu.

²⁶ Somos seres em construções subjetivas, estamos em constante processo de aprendizado, por isso nunca seremos plenos nos saberes, por isso: “muito pouco eu sei, ou nada sei”...

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos, aleatoriamente, e emergiram discursos ricos que são de infindáveis discussões, fica claro que, a percepção do cuidado de si, em especial, dentro da enfermagem, pode ser melhorada ao ser abordada nos cursos de graduação, evidenciando a necessidade dessas práticas de si, que influenciam o outro, não negligenciando, inclusive, o conhecimento de si.

A pesquisa se estruturou partindo da exploração de temas que envolvem a enfermagem, como o cuidado, o autocuidado e o código de ética na profissão, em seu primeiro tópico; após essa exposição tornou-se necessária introdução das teorias foucaultianas na temática, em especial referente ao cuidado de si, em segundo tópico, e por fim, o terceiro tópico trabalhou as análises discursivas filosóficas em educação na enfermagem nos três eixos foucaultianos.

Denotamos que o conhecimento de si é indispensável para a sobrevivência humana, através dele tantos erros e excessos poderiam ser evitados, além disso, o respeito seria mais bem praticado, pelo simples fato de: “conhecer-te a ti mesmo”, uma ação que parece simples, mas, que se exercitada como ela, qualquer que venha a ser, é de uma grandeza e um valor imensurável.

Muitas pessoas dizem que praticam o cuidado de si, mas, quando lançamos nosso olhar para os trabalhadores da área da saúde, nem sempre a realidade é a mesma dos demais, ao tratar sobre a enfermagem nota-se, através da pesquisa realizada, a dificuldade que eles encontram para o cuidado de si, embora estejam voltados para o cuidado com o outro a todo instante, mesmo quando não se está em atividade laboral, um enfermeiro nunca deixa de ser enfermeiro.

Um enfermeiro docente pratica o cuidado com o outro, estando ou não em contato assistencial (paciente). A sala de aula torna-se um ambiente propício também para o cuidado e os acadêmicos tomam a vez dos pacientes, educar também é cuidar.

Os sujeitos da pesquisa são mulheres, casadas, praticam outras atividades além da docência, tais características evidenciam a dificuldade no cuidado de si, como confirmou a discussão no decorrer da pesquisa. Mulheres, geralmente, possuem inúmeras atividades além do trabalho, ainda mais quando são casadas, e necessitam dividir suas atividades do labor com as domésticas, dentre outras. O fato de ser docente já requer muito tempo e dedicação, e quando elas se propõem a exercerem outras atividades, podemos mensurar o alto grau de dificuldade da busca pelo equilíbrio dentre tempo e o cuidado de si.

Quando falamos sobre autocuidado, estamos mencionando o cuidado com as esferas que compõem o ser humano, como já dissemos anteriormente, mas, quando adentramos sobre o cuidado de si, nos referimos a uma esfera de verdades, de filosofia, de *logos*.

Quanto às perguntas de pesquisa percebemos que a concepção que os docentes de enfermagem possuem sobre o cuidado de si, é na realidade práticas do autocuidado, sabemos agora no findar da pesquisa que tratam-se de dois conceitos distintos. O autocuidado é definido como ações concretas de cuidado, que visam atingir as esferas composicionais do ser humano, já o cuidado de si relaciona ao cuidado com o *logos*, mas os sujeitos da pesquisa não fazem essa distinção. Quando mencionamos o cuidado com o outro, os enfermeiros docentes afirmam que sob sua concepção, o processo de educação sobre influências advindas de seu cuidado de si e consideram o ato educacional como uma forma de cuidar do outro.

A pesquisa tem, por pretensão, somar teorias e práticas quanto ao autocuidado e as práticas socráticas, pois essa junção seria importante para a busca de uma qualidade de vida, especialmente, de um enfermeiro docente.

Todos os sujeitos entrevistados responderam ao último questionamento, com um retorno positivo para a pesquisa, ambos disseram que o estudo proporcionará uma maior reflexão sobre si e sobre o outro e tais práticas repercutirão no âmbito profissional, os sujeitos participantes da pesquisa encerraram suas entrevistas agradecendo por proporcionar tal pensamento de si.

Consideramos que pouco se tem explorado sobre a temática, mas, ressaltando sua importância, desejamos que esta comece a ser trabalhada na graduação em enfermagem, seja através de uma disciplina específica (Filosofia do Cuidado) ou nas grades curriculares, através da disciplina de filosofia da educação. Reconhecemos os desafios em que nesse processo serão encontrados, porém as perspectivas em que poderão se alcançar uma maior e melhor reflexão do conhecimento de si, do *logos* e assim refletir em suas práticas educativas em enfermagem, o cuidado com o outro.

Concomitante, acreditamos que a pesquisa tenha atingido os objetivos anteriormente propostos, as hipóteses foram confirmadas e pensamos que exista uma real necessidade dos órgãos regulamentadores da profissão de enfermagem (COFEN e COREN) de se voltarem, também, para o cuidado de quem cuida, para que melhor possa cuidar do outros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Erika Nogueira de. **Da Construção do Ofício Aluno- Observando, Ouvindo e Interpretando Visões e Versões de Jovens Alunos: uma pesquisa em duas séries de educação básica de uma Escola Particular de Belo Horizonte/BH.** 2010, p.127. PUCMG: Dissertação de Mestrado em Educação. Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_AlmeidaEN_1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

ALVES, Alexandra Maria; et al. A efetividade do Cuidado Solidário diante de Eventos que Acompanham a Cronificação da Doença da Criança Hospitalizada. **Revista Eletrônica Enfermagem da UFPR.** Curitiba, v. 8, n. 4, p. 1-14. 2006. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/revista8_2/v8n2a04.htm>. Acesso em: 18 set. 2017.

BAIÃO, Lidiane de Paiva Mariano; CUNHA, Rodrigo Gontijo. Doenças e/ou disfunções ocupacionais no meio docente: uma revisão de literatura. **Revista Formação Docente,** Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 6-21. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasizabela/index.php/fdc/article/view/344/338>>. Acesso em: 05 out. 2018.

BATISTA, Fábio Batista; BACCON, Ana Lúcia Pereira; GABRIEL, Fábio Antônio. Pensar a Escola a partir de Foucault: Uma instituição disciplinar em crise? **Revista Da Faculdade de Educação da UFG,** Goiás, v. 40, n. 1, p. 1-16, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/issue/view/1584/showToc>>. Acesso em: 05 out. 2018.

BRANCO, Paulo Coelho Castelo; SILVA, Luísa Xavier de Brito. Psicologia Humanista de Abranham Maslow: Percepção e Circulação no Brasil. **Revista: Phenomological Studies- Revista da Abordagem Gestáltica,** Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-11, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n2/v23n2a07.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2018.

BERTOLUCCI, Cely. Resenha de As formas do Silêncio- no movimento dos sentidos. 1997. **Cadernos de Linguagem,** Campinas, v. 3, n 1, p. 1-5. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/viewFile/1326/982>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

BOLSONI, Betânia Vicense. O cuidado de si e o Corpo em Michel Foucault: Perspectivas para uma educação não instrumentalizadora, In: IX ANPEO SUL 2012: **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul,** Caxias do Sul, 9 v, 1 n, 2012, p. 1-16. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/c0onferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1577/920>>. Acesso em: 30 Jan. 2018.

CANDIOTO, Cesar. Subjetividade e Verdade no Último Foucault. **Revista Trans/Form/Ação.** São Paulo, v. 31, n1, p. 1-16. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v31n1/v31n1a05.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2018.

CARDOSO, Maria Manuela Vila Nova; MIRANDA, Cristina Maria Layola. Anna Justina Ferreira Nery: Um Marco Na História Da Enfermagem Brasileira. **Revista Brasileira Enfermagem.** Brasília, v. 52, n. 3, p.1-10. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v52n3/v52n3a03.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **A Lição De Sócrates**. São Paulo: USP, v. 18, n. 213, 2015. Disponível em: <<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/48714>>. Acesso em: 05 out. 2018.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso sobre seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Muller Xavier. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CÓDIGO DE ÉTICA DE ENFERMAGEM DE MG - CEPE- MG (Org). Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, **Resolução nº 564/2017**. 2017. Coren MG. Acesso em: 12 jan. 2018. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-5642017_59145.html>.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (Org). 2009. **Resolução nº 358/2009**. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-3582009_4384.html>. Acesso em 17 set. 2018

_____. 2009. **Resolução 359/2009**. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-3592009_4385.html>. Acesso em: 05 out. 2018.

_____. 2005. **Pesquisa Inédita Traça Perfil da Enfermagem**. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem_31258.html>. Acesso em 21 nov. 2018.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DO RIO GRANDE DO SUL (Org). 2016. **Juramento e Hino da enfermagem**. Disponível em: <<https://www.portalcoren-rs.gov.br/index.php?categoria=institucional&pagina=juramento-hino>>. Acesso em: 05 out. 2018.

COSTA, Roberta; et al. O Legado de Florence Nigthingale: Uma Viagem no Tempo. **Texto Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v. 18, n. 4, 2009. p. 661- 669. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n4/07.pdf>>. Acesso em 12 jun. 2018

DECOTELLI, André Miranda. O Cuidado De Si Socrático-Platônico E Sua Recepção Em Foucault. **Grupo de Estudos Helenismo e Religião da Universidade Federal Fluminense**. Florianópolis, n. 2, v. 1. 2017. Disponível em: <<http://www.uff.br/helenismo/sites/default/files/Cuidado%20de%20si%20em%20Plat%C3%A3o%20e%20a%20recep%C3%A7%C3%A3o%20de%20Foucault.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Discurso do Método Meditações**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2. Ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

DONOSO, Miguir Terezinha Vieccelli. O gênero e suas possíveis repercussões na gerência de enfermagem. **Revista Mineira de Enfermagem**. Belo Horizonte, v. 4, n. 1. 2000. p. 67-69.

FACULDADE WENCESLAU BRAZ – FWB. **Nossa história**, 2014. Disponível em: <www.eewb.br/nossa_historia.php>. Acesso em: 19 mar. 2017.

_____. **Dorothea Orem**, 2016. Disponível em: <<http://www.fwb.edu.br/pesquisa/autocuidado/frmbiografia.html>>. Acesso em: 20 de nov. 2018.

FERREIRA, Alice Faria; SOUZA, Laís Cristina; PEREIRA, Helena de Ornellas Sivieri Cuidando de quem ensina: dificuldades e cuidados destinados aos professores de uma escola pública. **REFACS (online)**. Uberlândia, v. 2, n. 3, 2014. 1-9 p. Disponível em: <<http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/viewFile/1217/1068>>. Acesso em: 05 out. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. **Dicionário Aurélio**. 5 ed. São Paulo: Editora Positivo, 2014, p. 2272.

FILHO, Roberto Bolzani. Gláuco, Guardião do Lógos. **Revista UFPR**. Curitiba, v. 10, n. 2, p. 11-33. 2013.

FISHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 114, v. 1, 2001. p.1-27. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009>. Acesso em: 02 mai. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Dossier: O retorno da Moral**. Tradução de Ana Maria de A. Lima e Maria da Glória R da Silva. 1 ed. Rio de Janeiro: Livraria Taurus, 1984.

_____. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **As palavras e as Coisas: Uma arqueologia das Ciências Humanas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

_____. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 16 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

_____. **A arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **História da Loucura na Idade Clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. **História da sexualidade 3**. Tradução de Eduardo Brandão. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

_____. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Tradução de Eduardo Brandão. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Eduardo Jardim e Roberto Machado. 3 ed. Rio de Janeiro: NAU/PUC-Rio, 2005.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. Curso dado no Cóllege de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tanus Muchail. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura F. de A. Sampaio. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **A coragem da Verdade. O governo de si e dos outros II**. Tradução de Eduardo Brandão. 1 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 11 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

GALLO, Sílvio. Repensar a Educação: Foucault. **Revista Educação e Realidade**. Rio Grande do Sul, v. 29, n. 1, p. 1-19. 2004.

GALVÃO, Bruno Abilio. A ética em Michel Foucault: do Cuidado de si à Estética da Existência. **Revista UFES**, Espírito Santo, v. 7, n. 1, p. 1- 12. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/17068/11428>>. Acesso em: 24 mai. 2017.

GIORDANO, Denisse Parra; FELLI, Vanda Elisa Andres. Work Process of Nursing Professors. **Revista Latina-Americana de Enfermagem**. São Paulo, v. 2, n. 25, p. 1-8. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v25/0104-1169-rlae-25-e2946.pdf>>. Acesso em: 06 set 2018.

GOMES, João Carlos Lino. Notas Sobre o Conceito de Episteme em Michel Foucault. **Revista de Filosofia Síntese**. Belo Horizonte, v. 18, n. 53. p. 1-18. 1991. Acesso em: 14 jun. 2018. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/viewFile/1642/1973>>.

GRAYLING, Anthony Clifford. **O significado das coisas**: aplicação da filosofia à vida. Tradução de Fátima Aubyn. 1 ed. Lisboa: Gradiva, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Fausto Castilho. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HENBERG, Leonidas. Evolução Histórica do Conceito de Doença. **Instituto FIOCRUZ**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1. p. 137, 1998. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/pdj2h/pdf/hegenberg-9788575412589-03.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE (Org). **Panorama de Minas Gerais**. 2018. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/panorama>>. Acesso em: 30 set. 2018.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 3 ed. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria. **Pesquisa de representação social** – um enfoque qualitativo. 1 ed. Brasília: Editora Liber, 2010.

LÔBO, Daniella Couto. Michel Foucault: Bases Filosóficas para a Educação. **Revista Eletrônica de Educação da Faculdade de Araguaia**. Araguaia, v. 7, n. 7, 2015, p. 305-

310. Acesso em: 16 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.fara.edu.br/sipe/index.php/renefara/article/viewFile/340/307>>.

MEDEIROS, Ana Beatriz de Almeida; ENDERS, Bertha Cruz; LIRA, Ana Luisa Brandão de Carvalho. Teoria Ambientalista de Florence Nightingale: Uma Análise Crítica. **Revista Universidade Federal do Rio Grande do Norte**. Natal, v. 19, n. 3, 2015, 1-11 p. Acesso em: 12 jun. 2018. Disponível em: <http://revistaenfermagem.eean.edu.br/detalhe_artigo.asp?id=1330>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Org). **Guia Prático do Cuidador**. 2008. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_cuidador.pdf>. Acesso em: 05 out. 2018.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. O pensamento de Foucault e suas Contribuições para a Educação. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 25, n. 87, 2004, p.- 1-5. Acesso em: 16 jun. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21471.pdf>>.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, mestre do cuidado**: textos sobre hermenêutica do sujeito. 1 ed. São Paulo: Loyola, 2011.

OLIVEIRA, Gilberto Benedito de. **Cuidado de Si e Hermenêutica do Sujeito em Michel Foucault**. 2011. 162 p. Dissertação em Filosofia do Programa de Pós Graduação da UFRG. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16495/1/GilbertoBO DISSERT.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2018.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; MANCIA, Joel Rolim. Florence Nightingale e as Irmãs de Caridade. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 58, n.6, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672005000600018>. Acesso em: 05 out. 2018.

PEIXOTO, Adão José. PESSOA, EXISTÊNCIA E FENOMENOLOGIA: notas sobre as concepções do personalismo de Emmanuel Mounier. **Revista de Filosofia Aurora**. Paraná, v 22, n 31, p. 1-14 2010. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/rlf?ddl=4493&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

_____. **Filosofia, educação e cidadania**. ed 1. Campinas: Editora Alínea, 2001.

PENA, Maria Socorro Pacheco; et al. A História de Florence Nightingale e sua Importância na Iniciação Científica. **Revista Belo Horizonte**. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 1-16. 2017. Acesso em: 13 mar 2018. Disponível em: <<http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=3universobelohorizonte3&page=article&op=view&path%5B%5D=4247>>.

PINHEIRO, Marcus Reis. O Fedro e a escrita IN: **III ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA**. Rio de Janeiro, p. 1-18, 2008. Disponível em: <<http://www.afc.ifcs.ufrj.br/2008/REIS.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018.

PINTO, Mônica Jordão de Souza; PINTOR, Fernanda Araújo; DETTA, Felipe Pires. Condições de Trabalho que mais impactam na Saúde dos docentes de enfermagem: Revisão Integrativa. **Revista Enfermagem em foco**. São Paulo, v. 8, n. 3, 2017.

PLATÃO. **A República**. 2011. Tradução de Pietro Nassetti. 3 ed. São Paulo: Martin Claret.

POLIT, Denise F; BECK, Cheryl Tatano; HUNGLER, Bernadette P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: Métodos, avaliação e utilização**. 7 ed. p. 487. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RAMPAZZO, Lino. O Personalismo de Mounier: Uma Inspiração para a bioética? **Revista Bioetikos**. São Camilo, v. 8, n. 3, 2014. Acesso em: 10 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/155564/A07.pdf>>.

RENNÓ, Z. M.; RIBEIRO, A. M. **Técnicas de chefia e liderança**. 2 ed. São Paulo: Ciência Moderna, 2006.

REVEL, Judith. **Foucault: Conceitos Essenciais**. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROCHA, Zeferino. A Ontologia Heideggeriana do Cuidado e suas ressonâncias Clínicas. **Revista Síntese**. CIDADE, v 38, n 120, p. 13- 21, 2011.

SALBEGO, Cléton; et al. Significado do cuidado para enfermagem do centro cirúrgico. 2013. **Revista de Rede de Enfermagem do Nordeste**. Ceará, v 16, n 1, p. 1-9. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3240/324036185007.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2017.

SALES, S. M. Anna Justina Ferreira Nery. Brasil, T. K. (Org). **Projeto Heróis da Saúde da Bahia**. [On-line], 2018. Acesso em: 13 jun. 2018. Disponível em: <<http://www.bahiana.edu.br/herois/herois.asp?id=Mg>>.

SATER, Almir; TEIXEIRA, Renato. 1990 Tocando em Frente- Almir Sater. Meu Reino Encantado- CD. Gravadora Philips: São Paulo.

SINDICATO DAS MANTENEDORAS DE ENSINO SUPERIOR – SEMESP (Org). **Mapa Ensino Superior no Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://convergenciacom.net/pdf/mapa-ensino-superior-brasil-2015.pdf>>. Acesso em 30 set. 2018.

SILVA, Darlan dos Santos Damásio; et al. Depressão e Risco de Suicídio entre profissionais de Enfermagem: Revisão Integrativa. 2015. **Revista Escola de Enfermagem de São Paulo/USP**. São Paulo, v, 6, n 38, p. 1027-1036. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49n6/pt_0080-6234-reusp-49-06-1027.pdf>. Acesso em: 06 set. 2018.

SILVA, Irene de Jesus; et al. Cuidado, autocuidado, e cuidado de si: uma compreensão paradigmática para o cuidado de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem/USP**.

2009. São Paulo, v 43, n. 3, p. 697-703. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reensp/v43n3/a28v43n3.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

SILVEIRA, Carlos Roberto da. A Educação Socrática como “Modo de Vida”: a Imagem do “Cuidado de Si” na Beleza Poética do Sátiro. **Revista Horizontes**. São Paulo, v. 32, n. 2, 2014.

_____. **Emmanuel Mounier**: e a filosofia personalista no Brasil. 1 ed. Mogi Guaçu: Becalete, 2017.

_____. As deusas da justiça, os homens e as vendas da injustiça. Revista Eletrônica Theoria. V **JORNADA FILOSÓFICA: Filosofia e Direito**. Pouso Alegre v 3, n. 7. p. 1-14. 2011. Disponível em: <<http://www.theoria.com.br/edicao0711/asdeuseasdajustica.pdf>>. Acesso em 01 out. 2018.

STAMM, Marcela. Evolução do Cuidado na Enfermagem até o Cuidado Transdimensional: Uma Revisão de Literatura. **Revista Ciência, Cuidado e Saúde**. Maringá, v 1, n 2. p. 293-298, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Para pensar de outros modos a modernidade pedagógica. **Dossiê: ETD - Educação Temática Digital**. Campinas, v. 12, n. 1, p. 147-163, 2010. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/etd/v12n01/v12n01a10.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2018.

TANNURE, Meire Chucre; PINHEIRO, Ana Maria. **SAE: Guia Prático**. 2 ed. Guanabara Koogan: São Paulo, 2013.

TESTA, Frederico. Michel Foucault e o Helenismo: Subjetivação e Cuidado de Si. 2011. **Revista PUCRS**. Porto Alegre, v 4, n 1, p 15-28.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.191.

VITOR, Allyne Fortes; LOPES, Marcos Venícios de Oliveira; ARAUJO, Thelma Leite de. Teoria do déficit de autocuidado: análise de sua importância e aplicabilidade na prática em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem Anna Nery**. Rio de Janeiro, v 14, n. 3, p. 611-616, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n3/v14n3a25>>. Acesso em: 05 out. 2018.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª via)

TÍTULO DA PESQUISA: O CUIDAR DE SI E DO OUTRO NA EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM: UM ENFOQUE NOS DOCENTES

Eu, _____, RG _____, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade dos pesquisadores *Larissa Vinhas Timóteo* e do Prof. Dr. *Carlos Roberto da Silveira* do Curso *Stricto Sensu em Educação* com Linha de concentração: *Educação, Linguagens e Processos Interativos* da Universidade São Francisco (USF-Itatiba-SP).

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente que:

- 1- O objetivo da pesquisa é verificar e identificar a perspectiva de si, sobre o cuidado de si, dos docentes de enfermagem de uma instituição de enfermagem do sul de Minas Gerais. Investigar a correlação existente entre o cuidado de si e do outro e suas possíveis influências nas práticas pedagógicas.
- 2- Durante o estudo ocorrerá uma entrevista semiestruturada e utilizar-se-á de um aparelho portátil para gravação, para que dessa forma ocorra a transcrição dos dados para análise. O sujeito da pesquisa também responderá o anexo que se refere às características sociodemográficas.
- 3-Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre minha participação na referida pesquisa;
- 4- A resposta a este instrumento/procedimento não causam riscos conhecidos à minha saúde física e mental, não sendo provável também, que causem desconforto emocional;
- 5 - Estou Livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;
- 6- Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7- Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11)2454-8981;
- 8- Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Carlos Roberto da Silveira, sempre que julgar necessário pelo telefone da Universidade São Francisco.
- 9- Este termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador necessário.

Assinatura do Sujeito de Pesquisa ou Responsável: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

OBS: O sujeito da Pesquisa ou seu representante, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE- apondo sua assinatura na última pág. do referido termo. O pesquisador responsável deverá da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE- apondo sua assinatura na última pág. do referido termo.

APÊNDICE B- Características Sociodemográficas**Idade:** _____**Gênero:** _____**Estado civil:** _____**Titulação:** _____**Tempo de Docência:** _____**Carga horária de trabalho docente:** _____

Enfermeiro exclusivo na área da docência? () Sim
() Não
() Outras, citar _____.

Possui outra ou outras cargas horárias de trabalho?

Qual?

Quais?

APÊNDICE C- Entrevista Semiestruturada

1. Já ouviu falar sobre Conhecimento de si? O que entende disso?
2. Ao Conhecer-se a si mesmo, acredita que possa ajudar no cuidado de si?
3. Ao conhecer-se a si mesmo, acredita que possa ajudar no cuidado com o outro?
4. Ao conhecer-se a si mesmo, acredita que possa ajudar em sua docência?
5. O que você compreende por cuidado de si?
6. O que você compreende por cuidado do outro?
7. Na sua concepção, o modo de cuidado de si pode influenciar no cuidado com o outro?
8. Você acredita que suas práticas de ensino podem sofrer influências advindas de seu cuidado de si? Se afirmativo, como percebe isso?
9. Você acredita que essa discussão aqui feita sobre o cuidado de si e do outro, repercutirá em seu âmbito profissional? Se sim, ou não, diga-me sobre isso.